

ILUSTRAÇÃO

N.º 308 — 13.º ano



OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte** 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul** 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacifico**. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
- Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
- O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
- A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
- As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
- Matias Sandorff**:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Scottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- Cesar Cascabel**:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
- A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacifico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
- A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.ª — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE**
HONRA na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 0.3.101.3.500 o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande successo

Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO
(PADRÉ DAMIÃO)

Por PIERRE CROIDYS

SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários
da língua portuguesa

ACABA DE APARECER

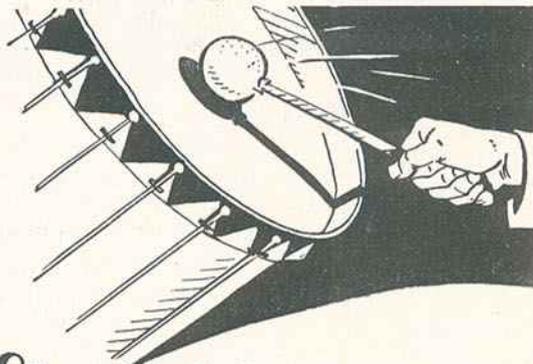
DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem
encadernado em percalina verde, Esc. 15\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Elasticidade significa bem estar

O tambôr, provocando o entusiasmo, leva os soldados à vitória. Para vencer na vida necessita livrar-se das pequenas dores de todos os dias — confie para isso na

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina
Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73-LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefácio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. **12\$00**
Pelo correio à cobrança..... **14\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada **2\$00**
Album da Cartilha Maternal, enc. **90\$00**
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol. **2\$00**

A Cartilha Maternal de João de Deus
é o melhor método de leitura de consagração nacional
adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à **Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73-LISBOA**

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA**

O MAIS AUTORIZADO

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa

é o de **GONÇALVES VIANA**

Filólogo ilustre, relator que foi da Reforma ortográfica,
autoridade incontestável de ortografia nacional

O mais completo, com mais de cem mil vocábulos, e com as bases do acordo luso-brasileiro

1 vol. de 664 págs., a 3 colunas cada pág.,
encad. Esc. **15\$00** — Pelo correio à cobrança, Esc. **17\$50**

Pedidos à **Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA**

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 308 - 18.º ANO
16 - OUTUBRO - 1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

É conhecida a divisa dos trasmontanos que, a cada passo, patenteiam o seu orgulho: "Para cá do Marão, governam os que cá estão!"

A serra majestosa presta-se, em boa verdade, para condigno pedestal de tão legítima altivez.

Quem a viu uma vez nunca mais a esquece!

Na sua grandeza dá uma ideia do Sinai em cujo topo Jehovah ditou os dez mandamentos da lei divina. Pelo menos, os trasmontanos assim o julgam, pois é no cimo do Marão que colocam as tábuas sagradas da sua lei.

A fotografia que o sr. dr. Caetano Beirão da Veiga conseguiu obter constitui uma verdadeira maravilha.

A SERRA DO MARÃO

PLINTO DE ORGULHO, GRANDEZA E MAJESTADE

O ceu lembra-nos uma das visões do Apocalipse, podendo afirmar-se que o evangelista da ilha de Patmos não teve um tal cenário para inspirar-se.

Naquela paisagem rude, severa, escaldada, há grandeza, majestade, elevação.

Em Portugal há serras grandiosas, cheias de encanto e beleza natural. A altiva Estrêla com as suas neves que parece recortar ainda a figura heroica de Viriato, erguida, cada vez mais alta, no alto dos penhascos hermínicos; o Carapulo com a sua tristeza que daria assunto a mil poemas românticos; o Buçaco com

serras orgulhosas do seu nome e tradições.

Mas nenhuma consegue ofuscar o Marão que bem merecia ser considerada a serra mais portuguesa de Portugal.

Dela se orgulham os trasmontanos — e têm razão para isso.

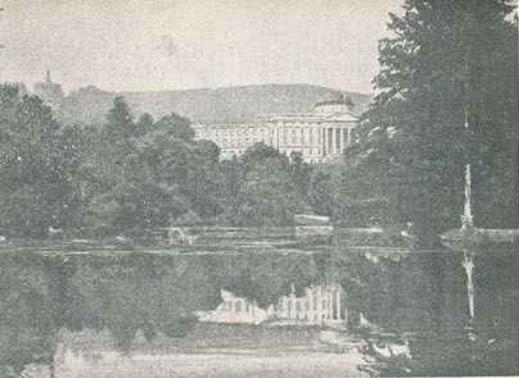
E por isso gritam aos quatro ventos que "para cá do Marão, governam os que cá estão..."

É que, ao vê-la, em tóda a sua grandeza e majestade, temos a impressão de que se Deus quizesse erguer um trono na Terra, viria escolher a Serra do Marão...



A majestade do ceu de Marão

(Fotografia do dr. Beirão da Veiga.)



O castelo de Wilhelmshöhe, onde Napoleão III esteve cativo

uma certa arrogância — que foi ali que Napoleão III esteve prêsso, após a derrota de Sédan, desde 5 de Setembro de 1870 a 19 de Março de 1871.

Com efeito, Napoleão III ali esteve cativo durante seis penosos meses, nesse castelo que ainda residia às gloriosas recordações do Império.

Ali devia ter encontrado ainda um grande retrato de sua

mã, a rainha Hortense que lhe evocaria os belos tempos da sua infância.

Foi encarregado o conde de Monts, governador de Kassel, da vigilância do castelo. O rei Guilherme manifestou assim ao conde de Monts a grande confiança que nele depositava, encarregando-o de tratar de tudo o que dissesse respeito ao alojamento de um prisioneiro de tal categoria.

Este conde de Monts deixou um livro de recordações em que foca, dia a dia, as dificuldades em que se viu como carcereiro de Napoleão III.

Mas o castelo de Wilhelmshöhe não é Santa Helena, nem o conde de Monts foi um Hudson Lowe.

O vencido de Sédan teve, neste ponto, mais sorte que o vencido de Waterloo.

Napoleão III viveu à larga nesse castelo, como se tivesse ido fazer um simples estágio de cura.

Foi durante a noite, chovendo torrencialmente, que Napoleão III chegou ao castelo de Wilhelmshöhe designado como prisioneiro pelo chanceler Bismark. As apresentações foram feitas às escuras. Os oficiais que acompanhavam o prisioneiro, envoltos, nos seus amplos capotes, apenas se distinguiram pelas bordaduras douradas dos seus bonés.

O imperador, segue pensosamente como se marchasse para o cadafalso. Atravessa lentamente a fila dos soldados que lhe prestam a guarda de honra, embora sejam os componentes da escolta que o conduz sob prisão.

No dia seguinte, chega o conde de Monts que vem organizar o alojamento do cativo e da sua comitiva. Ao todo quinze hóspedes, contando com o imperador. São

êles os generais Castelnau, da Moscowa, Reille, Pajol, de Vaubert, os oficiais às ordens, príncipe Achille Murat e o conde Lauriston, o comandante Hepp, o oficial picador conde Davilliers e Raimbeaux, os dois médicos Conneau e Corvisart, e o secretário J. Pietri. Todos êstes foram submetidos a um regulamento rigoroso: Não poderiam afastar-se do castelo mais que uma certa distância, a não ser com uma licença especial; não poderiam passar as noites fora de Wilhelmshöhe; os militares não poderiam vestir trajes civis, e to-

DIGRESSÕES PELA PRÚSSIA

O cativo do vencido de Sédan

Porque se orgulham os prussianos do seu castelo de Wilhelmshöhe?

dos os pedidos ou reclamações deveriam ser feitas por intermédio do general Castelnau.

Um outro regulamento foi estabelecido para o pessoal subalterno.

E, a pouco e pouco, a vida monótona do imperador cativo vai sendo organizada.

O conde de Monts insiste no luxo da residência, na excelência da mesa, e — quasi como um suspiro pelo excesso da prodigalidade — nas copiosas ementas confeccionadas pelo magnífico mestre de cozinha, Bernard, chegado de Berlim.

Mas êste bem estar material não conseguia dissipar as secretas agonias dêsses franceses condenados à inação como cativos que eram.

Depois de jantar reuniam-se nos dois salões que precediam o gabinete de trabalho de Napoleão, e aí comentavam tristemente as dolorosas notícias levadas pelos últimos jornais.

O imperador pegava num baralho de cartas e levava horas e horas fazendo paciências e conversando.

Fazia longos passeios a cavallo, e chegava a ir, conduzido pelo governador de Kassel, examinar o novo canhão prussiano, instalado no pátio de uma caserna. Mantinha uma impassibilidade impenetrável, tendo até palavras que muito justamente surpreendiam o conde de Monts.

Tendo sido dispensada a parte supérflua do pessoal de serviço, o conde de Monts contou ao imperador que os criados e ordenanças enviados para Lille, tinham sido alvo, em virtude dos seus passaportes que lhes mencionavam a qualidade de antigos servidores da casa imperial, de vários vexames em França.

A isto, Napoleão III limitava-se a responder com a sua flegma habitual:

— Que divertido país!

Segundo as instruções recebidas, o conde de Monts não punha objecções às visitas que o imperador desejasse receber. No entanto, tomava precauções contra alguns dos visitantes, viessem êles da côrte das Tulherias, ou fôssem simples aventureiros. E o mais curioso é que estas precauções obedeciam sempre a um instinto seguro. Apareciam estranhos negociantes, meros curiosos, coleccionadores de autógrafos, e até uma família inglesa que teve o osio de pedir ao governador de Kassel "três bilhetes", para ver o vencido de Sédan, como se de um animal curioso se tratasse!

O conde de Monts levava o seu zelo a fiscalizar as despesas de Napoleão, não perdendo de vista o fiel lesoureiro

Theelin que chegara da Suíça ou da Bélgica com os fundos importantes ali realizados.

Mas a visita que mais deveria contrariar o conde Monts foi, sem dúvida, a da imperatriz Eugénia, chegada subitamente, acompanhada pelo conde Clary, em 31 de Outubro, de Chislehurst a Wilhelmshöhe, e sem que o próprio imperador a esperasse.

O conde carcereiro encontrava-se no gabinete de Napoleão III quando a imperatriz entrou.

Compreendeu imediatamente que a sua autoridade ia sofrer uma grande quebra, visto que "a imperatriz exercia sobre o marido uma tão grande influéncia que poderia ser considerada como uma espécie de tutela."

E, à medida que a imperatriz se revelava, o conde verificava com a maior nitidez que "ela estava habituada, não só a fazer-se escutar, mas a proferir sempre a última palavra."

Após a entrega de Metz, os marechais Bazaine e Canrobert Le B-euf foram autorizados a residir em Wilhelmshöhe. Mas pouco tempo durou a dedicação dêsstes voluntários companheiros de cativo do imperador.

Bazaine teve de ir para Kassel a juntar-se a sua esposa que lhe dava o terceiro filho.

Este nascimento foi revestido de grande importância como convinha a um grande patriota. Para que a criança, apesar do exílio do seus pais, viesse à luz em terra francesa, fôra mandado buscar um saco de terra de Paris, que foi espalhada no leito da senhora Bazaine no momento do seu bom successo.

É claro que esta affectação patriótica, partindo de quem parlta, era apenas exhibicionismo, e nada mais.

O conde de Monts julgando friamente o marechal, definiu-o por um "excelente pai de família."

Canrobert, por sua vez, interessava profundamente o conde de Monts pela sua vivacidade francesa e pela mobilidade da sua conversa em que Bazaine era melido a ridiculo.

No dia 1 de Janeiro, o conde de Monts teve uma grande surpresa: um laçao de Wilhelmshöhe trouxe-lhe uma pequena caixa cuidadosamente fechada. Vinha "da parte do imperador". Era certamente um presente. Mas poderia êle recebê-lo do seu prisioneiro?

Depois de ter reflectido alguns momentos, decidiu devolver a caixa sem a ter aberto. Nisto, entrou o general Castelnau. Como o conde de Monts lhe

desse conhecimento dos seus escrúpulos, Castelnau respondeu:

— Muito bem. Eu tomarei conta da caixa, se assim o deseja. Mas, francamente, se soubesse o que ela continha, não se alarmaria dessa maneira.

Tratava-se tão somente de um belo cacho de uvas, tirado duma remessa chegada de Inglaterra, onde o imperador tinha grandes propriedades.

O conde de Monts, levando a sério a sua missão de vigilância, chegou a perder o sono.

Só o boato da constituição dum *complot* para assassinar o imperador apouquentou o atrozmente. No fim de contas, tratava-se apenas de uma engenhosa tentativa de burla dum pretendido denunciador. E, como se não bastasse isto, occupava-se a defender o seu prisioneiro contra uma multidão de credores falsos ou verdadeiros. Examinava os pedidos de dispensa dos companheiros de cativo do imperador, e carregava o sobrólho quando os "dispensados se atrazavam uma hora que fosse. Recusava com um pouco de estreiteza de espirito, e sobretudo com motivos economicos, autorização para a hospedagem mesmo passageira, em Wilhelmshöhe, de hóspedes imprevistos. Transmittia os desejos do imperador e comunicava a êste as respostas do Gôverno alemão. Visitava constantemente o imperador, embora isso lhe custasse um grande trabalho de indumentária, para estar ao corrente, dia a dia, das intenções do prisioneiro. Êste, no entanto, desconcertava-o com a sua afabilidade impenetrável.

Em boa verdade, seria de prever que o cativo deveria ter outras pessoas de maior confiança a quem confiar os seus pensamentos íntimos...

Finalmente, em Março, foi decidida a partida do imperador.

O conde dirigiu-se a Francfort, a fim de obter do monarca alemão instruções sobre a partida, sobre a guarda de honra, sobre o protocolo a observar...

Quando regressou a Wilhelmshöhe, teve de desempenhar gravemente de uma singular commissão de que o príncipe herdeiro da Alemanha o encarregara: "dar ao imperador os mais efusivos agradecimentos pelo acolhimento que, três anos antes, o príncipe tivera em Paris."

Uma tal recordação e numa tal altura...

É possível que tais cumprimentos obedecessem à mais sincera cortezia, mas, numa tal situação, poderia parecer uma ironia cruel.

O imperador agradeceu, tendo-se limitado a acrescentar:



Napoleão III possuindo sessinho nos jardins de Wilhelmshöhe

— Há quanto tempo isso vai! E tinha razão.

Cronologicamente seriam três anos; mas uma tal reviravolta na História poderia levar a crer que o príncipe alemão se havia hospedado nas Tulherias muitos séculos antes...

Foi desta maneira que se acabou de vez o desmedido orgulho do filho da vaidosa Hortense... Ainda assim, os alemães ainda se orgulhavam de o ter cativo ao passo que os franceses lhe manifestavam o maior desprêso.

Victor Hugo depois de lhe profetizar que não entraria na História visto ter ficado pregado na porta como um môcho sinistro, dera o exemplo aos seus compatriotas.

E êste exemplo foi seguido...

SÉRGIO VALENÇA.

Como Napoleão III passava o seu tempo em Wilhelmshöhe



ACTUALIDADES DA QUINZENA



Os onze «lobos do mar» do litoral norte que figuraram nas festas do «Cego de Maio» na Póvoa de Varzim: o antigo patrão do salva-vidas «Leixões», José Rabumba, o «Aveiro», que traz o colar da Torre e Espada, António da Silva Nunes, o «Putrico»; António Francisco Moita, o «Sedas»; João Domingues Nunes, o «Ladinho»; Manuel Felipe Ramos, o «Jacó»; Manuel Ferreira Moreno, o «Cantas»; José Lopes Maceira, o «Loulé»; Adelino Pinto Santos, José Pereira da Silva, José da Cunha Falha e o cabo de mar José Joaquim Rodrigues



O sr. general Eduardo Marques depondo flores no monumento aos mortos da Grande Guerra, após a reunião dos oficiais sobreviventes da campanha do Cuamato, para comemoração do 31.º aniversário deste feito. — A' direita: O descerramento da lápida nos jardins do Asilo d'Espie Miranda



O bimotor «Pomba da Paz», que transportou Chamberlain a Munich, momentos depois da sua aterragem na pista internacional de Sintra. Após esta viagem experimental, a carreira de Londres a Lisboa poderá começar a funcionar dentro de poucas semanas

NOTÍCIAS DA QUINZENA



O sr. coronel Ferreira de Simas, director do Instituto de Odélas lendo o seu discurso na sessão solene da abertura das aulas neste prestimoso estabelecimento de ensino. Presidiu à sessão o sr. comandante Jerónimo de Bivar que representava o sr. Presidente da República

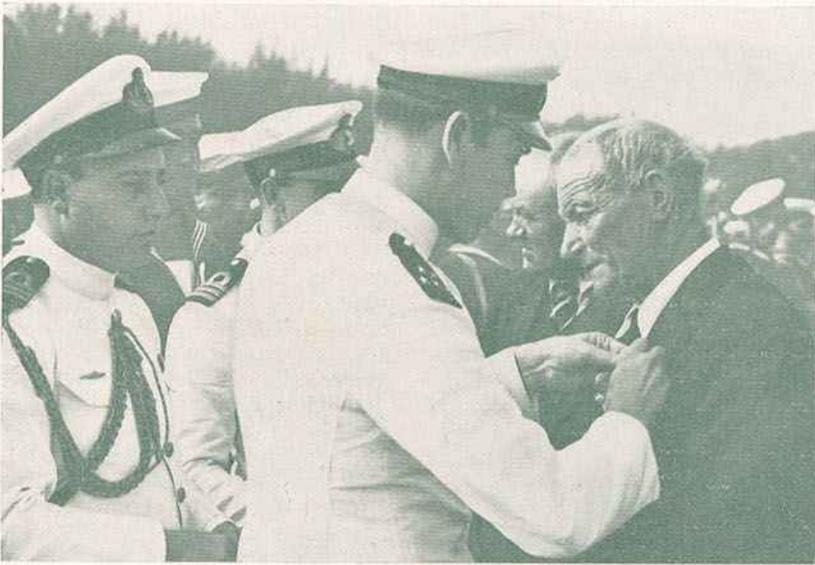


Doutor João Maia de Loureiro

Com a apresentação de uma tese notável "A system for the chemical analysis of plant and animal tissues", concluiu o Dr. João Maia de Loureiro o seu doutoramento na universidade Johns Hopkins de Baltimore E. U. A. onde durante dois anos seguiu os respectivos cursos como bolseiro da Rockefeller Foundation. O Dr. J. M. de Loureiro que pouco antes de partir para aquele país havia feito um brilhante concurso para professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, foi o primeiro europeu a receber aquele grau elevado, poucas vezes conferido mesmo na América.

Autor de numerosos trabalhos científicos empreendidos em Portugal e em vários centros da Europa em que sempre se distinguiu, acaba de enriquecer a sua obra com o que acaba de apresentar na América e justamente apreciaram os cientistas daquele país.

Este médico é um dos muitos raros que em Portugal se têm dedicado exclusivamente à carreira da investigação científica. No campo prático da sanidade pública, que mereceu o seu particular estudo muito há a confiar na sua experiência e notáveis qualidades de trabalho.



O sr. ministro da Marinha condecorando dois velhos pescadores poveiros durante a impressionante homenagem prestada ao «Cego de Maio» na Povoia de Varzim. São eles o «Putrico» e o «Cantas», dois velhos lobos que contam no seu activo vários actos valorosos e dezenas de vidas arrancadas à fúria do Oceano



O sr. Presidente do Conselho e ministros do Interior e da Educação Nacional com os governadores civis na Assembleia Nacional. Nesta reunião, o sr. Dr. Oliveira Salazar definiu, num interessante discurso, a nossa política interna e externa



Madame Curie quando da descoberta do rádio

era destituída de alguma graça e os rapazes seguiam-na com olhar curioso e concluíam o exame, observando que o seu cabelo era "lindo".

Esse cabelo de um louro acinzentado e a sua cabeceira caracteristicamente eslava eram as únicas feições, que serviam aos estudantes para identificarem a sua límda companheira. Mas os rapazes, era o que menos interessava à jóvém polaca; a ciência fascinava-a e ao seu estudo se entregava febrilmente.

Para ela uns pequenos momentos de repouso era tempo perdido. Tímida e acanhada não ousava relacionar-se com os estudantes de nacionalidade francesa e refugiava-se no convívio da pequena colónia de compatriotas que, no *quartier latin*, constituíam como que uma pequena ilha onde só polacos tinham ingresso, e a sua existência continuava a ser de uma simplicidade monástica, entregue unicamente ao estudo.

Os seus escassos rendimentos provinham de algumas economias que ela própria tinha amealhado, como professora na sua terra natal, e algumas pequenas somas que o pai, professor de matemática, obscuro mas culto, lhe enviava e que ao todo não chegavam a perfar uns cem francos por mês. Com essa magra quantia havia de pagar quarto, refeições, roupa e os gastos da universidade.

No programa de vida, que a economia a impunha, não cabiam diversões, visitas a amigos ou relações afastadas do bairro; era uma vida espartana que só uma vontade forte e entranhado amor à ciência amparavam.



Madame Curie, a primeira da esquerda, com várias personalidades intelectuais madrilenas depois da sua conferência sobre a descoberta do rádio na Universidade Central de Madrid

NOBRES EXEMPLOS

A grande sábia Madame Curie

Notas sôbre a vida desta mulher genial

Se a fome ou frio a atingiam, vinha em seu socorro a auto-sugestão para iludir fome e frio. Se no inverno faltava o carvão no calorífero, nem por isso a estudante cessava de escrever algoritmos e equações, apesar dos dedos enregelados e adormecidos, e do corpo franzino, que tremia de frio. A vida dessa mulher de génio vai ao limite do que é humano no sentido de ao estudo sacrificar todo o conforto.

As refeições não passavam, a miúdo, de chá e pão sêco; se a natureza impunha às vezes uma refeição mais substancial a futura *madame Curie*, comprava dois ovos ou um pedaço de chocolate ou fruta com que constituía um banquete, que ficava memorável.

No entanto, a rapariga que chegara de Varsóvia sábia e forte, apesar do seu corpo delgado, ia-se definhando e convertendo numa figurinha anémica e doentia.

Sentia-se fraca e doente e no entanto não queria convencer-se de que era a fome a única causa de fraqueza e doença.

O amor, o casamento, eram circunstâncias que não entravam nos seus pensamentos; a sua paixão pela ciência era superior a qualquer outro sentimento, mas um dia surgiu no seu caminho um rapaz de nacionalidade francesa, um cientista, que se dedicava de alma e coração a investigações científicas, que aos trinta e cinco anos ainda estava por casar. Era alto; as suas mãos eram delicadas como as de um intelectual e usava a barba em desalinho; no seu olhar brilhava a expressão da inteligência e caracterizava-o uma grande distinção de porte e maneiras. Assim se refere ao pai, com ternura, a filha Irene, de cujo escrito extraímos as nossas notas.

O primeiro encontro entre aqueles dois entes, ambos apaixonados pelo estudo, deu-se no laboratório da Faculdade em 1894 e uma simpatia mútua os atraía daí em diante. Pedro Curie, que assim se chamava ele, sentia-se atraído por aquela rapariga extraordinária, taciturna e inteligente. Encantava-o trocar impressões com aquele ente modesto e simpático que se expressava com clareza em termos técnicos e citava fórmulas científicas complicadas, com facilidade. As conversas com Maria Sklodowska deliciavam-no porque no espírito dela encontrava ele o eco das predileções do seu próprio espírito.

A atenção de Pedro fixou-se no cabelo loiro cinzento de Maria assim como na sua fronte alta ligeiramente curva e nas suas mãos finas já manchadas pelos ácidos do laboratório; os seus gestos graciosos, sem a menor sombra de *coquette*, perturbavam-no.

Pedro, com uma tenacidade humilde, procura manter com Maria boas relações de amizade e pedia-lhe licença para a visitar. No seu quarto modesto de estudante pobre ela recebia-o com amizade e reserva, e ele, tocado por tanta dignidade na pobreza, admirava e apreciava aquela alma tóda entregue a um sonho.

Nunca lhe parecera tão bela como na aquela água-furtada, trajando o seu vestido pobre e gasto pelo uso. A rapariga débil e graciosa possuía todas as qualidades, que constituem os grandes homens.

Casar com um francês, um estrangeiro; separar-se da família para sempre, cortar os laços que a prendiam a uma pátria oprimida, que ela amava, afiguravam-se-lhe actos de cobardia que, durante meses, a impediram de aceitar o logar de esposa, que Pedro implorando, lhe oferecia.

A moradia da rua de *La Glacière*, onde se instalaram nos primeiros meses de casados, foi mobilada com a maior modéstia; algumas prateleiras com livros, duas cadeiras, uma mesa e um leito constituíam todo o mobiliário. Sôbre a mesa um candeeiro de petróleo, alguns tratados científicos e uma jarra com flores.

Maria improvisava iguarias que dessem pouco trabalho e pouca despesa; deixava-as ao lume e voava para o seu laboratório.

No segundo ano de casados o mal estar de Maria agravou-se porque ia ser mãe. Desejava ela um filho ardentemente, mas apouentava-a a ideia de não poder continuar a atender aos seus estudos com a mesma assiduidade anterior. No outono nasceu uma filha que tomou o nome de Irene, a qual mais tarde havia de obter



Madame Curie, glória da França

o prémio de Nobel. A mãe tratava da casa e da filha, punha o jantar ao lume e continuava a trabalhar no laboratório.

O marido admirado com tanta resistência considerava a esposa como ente sobrenatural a quem as leis da natureza não atingem. Ela continuava progredindo no caminho que a havia de conduzir á descoberta mais importante da ciência moderna.

No fim de 1897, Maria contava no activo da sua carreira de cientista dois doutoramentos universitários, uma bolsa de estudo e uma monografia sôbre a magnetisação do aço temperado.

O cientista francês Henri Becquerel tinha, por esse tempo, descoberto que os sais de *urânio* emitem espontaneamente, sem exposição à luz, certos raios de natureza desconhecida.

Um composto de urânio colocado sôbre uma chapa fotográfica, envolvida em papel preto, produz uma impressão sôbre a chapa, através do papel.

Foi essa a primeira observação do fenómeno a que Maria, mais tarde, deu o nome de *rádio-actividade*, mas a natureza da radiação e a sua origem permaneciam dum enigma.

A descoberta de Becquerel exercia uma grande fascinação sôbre os dois consorciados, que queriam descobrir a origem de que provinha a energia, que os compostos de urânio constantemente desintegram em forma de radiação.

Era um ponto de investigação científica e uma incursão no desconhecido, que os empolgava.

Para a realização do seu intento levantavam-se à sua frente grandes dificuldades; a primeira consistia em obter local próprio para os estudos e experiências.

Maria por fim conseguiu que puzessem à sua disposição uma pequena dependência da Escola de Física, onde o marido leccionava e começou as suas investigações.

Quanto mais penetrava no conhecimento da natureza dos raios do urânio tanto mais se certificava de que eles eram absolutamente desconhecidos.

Pedro, que seguia com interesse o progresso rápido de sua mulher na busca do ignoto, abandonou os seus próprios trabalhos para colaborar com ela e daí em diante estabeleceu-se uma colaboração de



Um dos últimos retratos da grande sábia

dois cérebros, que durou oito anos e a que um acidente fatal veio infelizmente pôr termo.

Madame Curie cumpriu a missão para a qual havia sido fadada. É certo que, adentro da sua modestia, teve a sorte de encontrar quem a compreendesse e lhe desse a mais franca e valiosa colaboração.

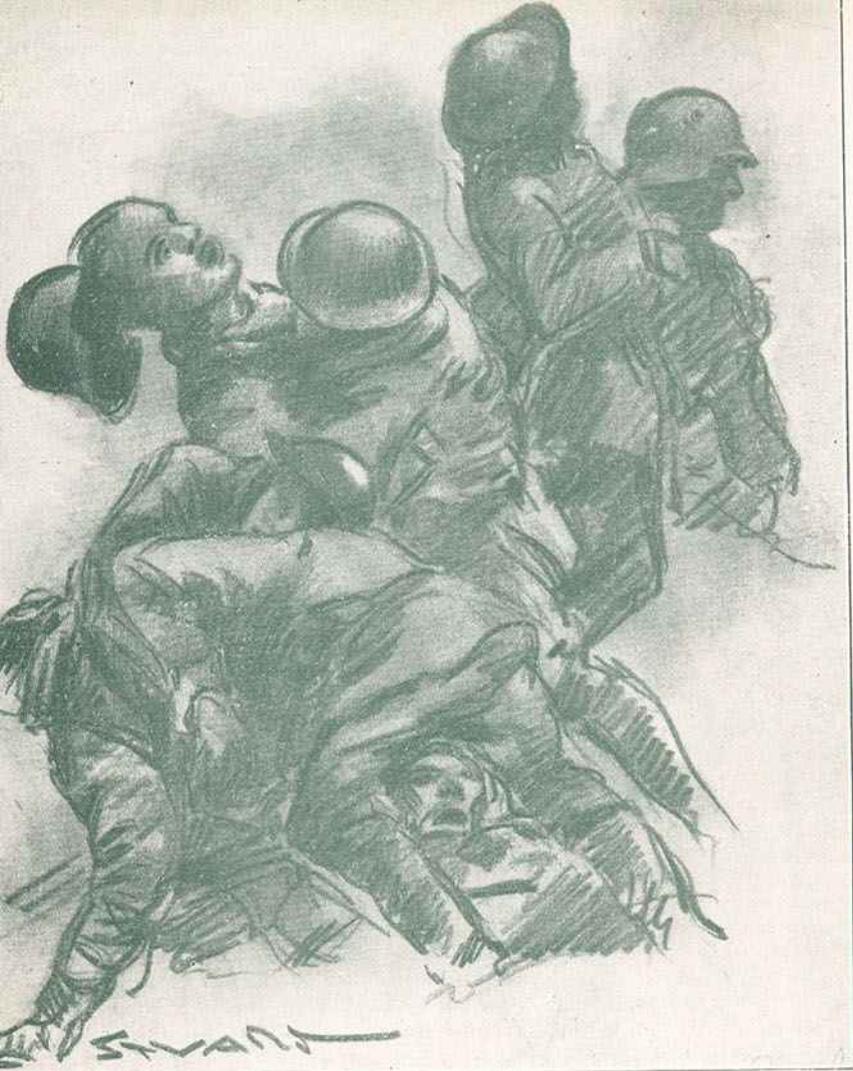
Essa jovem polaca poderia ter-se deslumbrado nessa grande cidade e acalentar as mil e uma ambições das parisienses.

Mas, assim, ninguém hoje se lembraria de Madame Curie...

ADOLFO BENARÚS.



Madame Curie, atroz xviada de seu marido, no laboratório da Sorbonne



NUVEM QUE SE DESFAZ

tão tudo corre bem e as nossas aflições tornar-se-ão em outros tantos júbilos, pelo excelente desfecho.

Na vida colectiva dos povos há igualmente destas horas angustiosas, que são tanto mais cruciantes quanto é certo que a elas andam ligados os destinos de muita gente que podem chegar até à tragédia da guerra,

CADA um de nós tem na vida, e infelizmente mais vezes do que era para desejar e do que pode suportar, uma hora aflitiva, uma hora que pela ansiedade e sofrimento que nos oprime nos faz desaparecer da lembrança as horas ditosas e alegres que passaram na nossa vida.

Parece que tudo quanto conseguimos de bom e de terno, no nosso peregrinar pelo mundo, nada é, em face do tormento de certos momentos em que ao nosso espírito se apresentam problemas de difícil resolução, e crueis dilemas que nos fazem hesitar na resolução que devemos tomar, para nosso proveito, sem irmos de encontro às boas normas da lealdade e da justiça.

É uma dura prova, para a nossa sensibilidade e para a nossa consciência.

Nem sempre sòzinhos com o nosso livre arbítrio podemos enfrentar situações delicadas, que a não serem sensatamente encaradas, estudadas e resolvidas, não só afectariam a nossa vida, no que ela deve ter de regrado e justo, como iria ainda prejudicar terceiros, sem vantagem nenhuma para ninguém.

Precisamos então de recorrer a qualquer pessoa, de cuja amizade e competência estejamos bem seguros, para que nos guie no caminho a seguir e nos aconselhe na atitude que devemos assumir perante factos indiscutíveis.

Se temos a sorte de dar com um espírito sensato e animado da melhor vontade de nos ajudar a sair duma dificuldade, en-

se não houver alguém que com seu claro entendimento venha lançar a luz nos espíritos, para que essa angústia tenha uma reviravolta feliz, que mude prantos em sorrisos.

Todos nós sabemos, e todos nós sentimos, que pela Europa passou uma nuvem de dúvida que podia desentranhar-se em metralha, e semear outra vez, em países ainda mal refeitos do horror da guerra de 1914, a miséria e a desolação.

Por toda a parte se espreitava essa nuvem negra, e ninguém sossegava, nem arredava pé, no seu anseio, no seu constante apêto de coração, a ver se soprava um vento piedoso que a levasse para longe e que deixasse voltar aos lares a tranqüilidade perdida.

Espôsas desoladas olhavam saudosamente já os esposos, como se os vissem deabalada para esse inferno das trincheiras enlameadas; mãis, de faces cavadas pela dolorosa expectativa, agarravam-se febrilmente à carne da sua carne, aos filhos adorados, como que a defendê-los da sombra da morte que os rondava.

noivas aflitas olhavam o enxoval, pronto já para uma vida nova que talvez não chegasse mais, se os seus namorados fôsem chamados a pegar em armas para defender a sua terra.

Quadro êste que era igual, em tintas e figuras, em muitos pontos do globo, porque essa nuvem de desgraça, se baluçava em muitos céus.

Mas há sempre ou quasi sempre, quando Deus quer, a mêninha ao pé do mal, o bálamo junto da chaga.

E desta vez teve misericórdia dessas espôsas, dessas mãis e dessas noivas amarguradas, teve dó de tanta mocidade que iria perder-se, em holocausto a essa deusa infame que é a guerra, e deu-nos cérebros esclarecidos e corações generosos, que se devotaram para conseguir que tudo voltasse à primitiva forma de tranqüilidade e paz, nos corpos e nas almas.

E a quatro homens se deve a fuga dessa nuvem má que tão cedo não voltará a enlutar o nosso céu, quatro homens que são os suportes máximos, na hora actual, da tão ambicionada paz do universo.

A França, a Itália, a Alemanha e a Inglaterra reuniram-se, nas pessoas de mandatários fiéis e abalisados, para sanar o conflito que ameaçava revolucionar o mundo.

À frente desses quatro famosos azes da diplomacia, perfila-se Chamberlain, que não dormiu nem descansou, emquanto não deu, ao orbe inquieto, a segurança de que podia sonhar outra vez com dias calmos e felizes, já muito perto da realidade.

As mãis de todo o mundo rezam, neste instante histórico, em acção de graças pelo afastamento do espectro trágico, e um nome se ouve soar mais alto, nos seus lábios trémulos de emoção: Chamberlain!

Portugal, que de longe acompanhou com o coração essa jornada onde se discutiu a sorte da humanidade, foi o primeiro país que propôs, pela iniciativa do *Diário de Notícias*, uma prova de gratidão, ao ilustre ministro inglês.

E' simpática esta atitude que boas almas estão secundando no limite das suas forças.

Mas estará, de facto, afastado o perigo da guerra, quando todos os grandes países se empenham no aumento das suas armas homicidas?

E' certo que se desfez a nuvem que por momentos, toldou o céu europeu, ameaçando arrebatá-la milhões de vidas por entre os escombros fumegantes das grandes cidades; é certo que milhares e milhares de mancebos suspenderam a marcha que iam iniciar para os campos da chacina; é certo que os aviões não passaram sobre os nossos lares vomitando a morte e a destruição...

Mas por quanto tempo teremos esta trégua?

Desfez-se a nuvem...

Até que se forme novamente, que Deus inspire os homens de boa vontade.

São os nossos votos.

MERCEDES BLASCO.



Após o acôrdo de Munich



«Volto da Alemanha. As negociações foram, é certo, difíceis, mas tenho a profunda convicção de que o acôrdo que concluímos era indispensável à manutenção da paz da Europa. Também tenho a certeza, hoje, de que, graças ao desejo das concessões mútuas e ao espírito de colaboração que animou a acção das 4 grandes potências ocidentais, a paz está salva.»

Palavras de Daladier

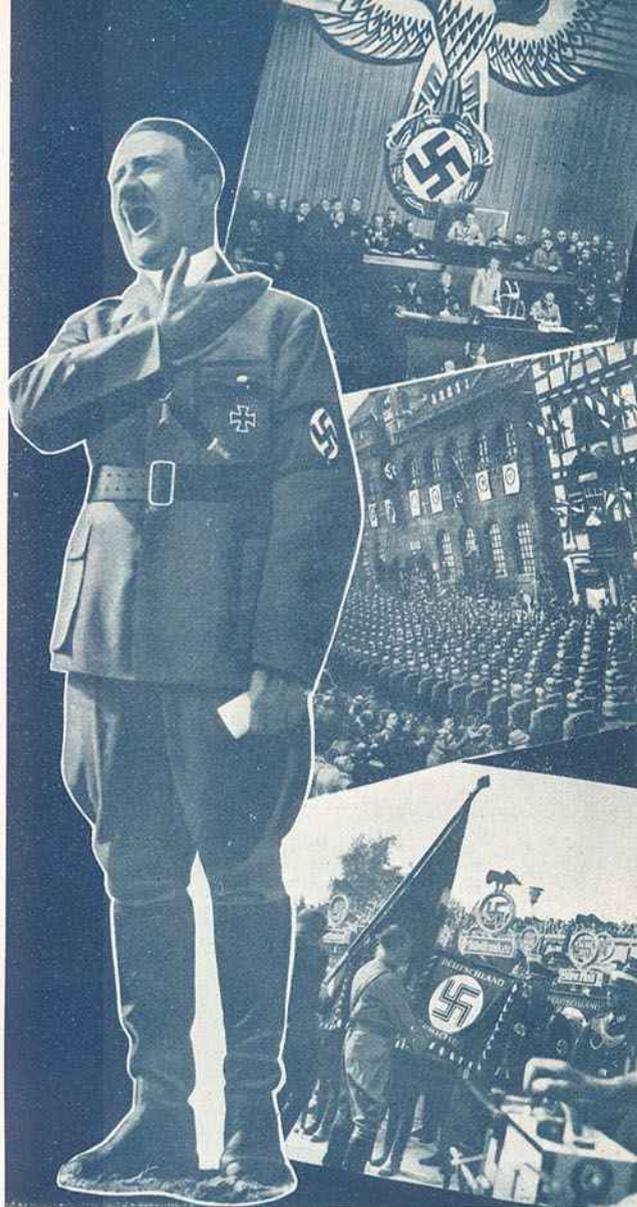


«Se tivéssemos de nos bater deveria ser por questões mais importantes que a da Checoslováquia. Eu próprio sou homem pacífico até ao mais íntimo do meu ser.»

Palavras de Chamberlain

«Camaradas! vivestes horas memoráveis... Em Munich trabalhamos pela paz dentro da justiça. Não é este o ideal de todos os italianos? Eis o que fizemos a bem de todos...»

Palavras de Mussolini

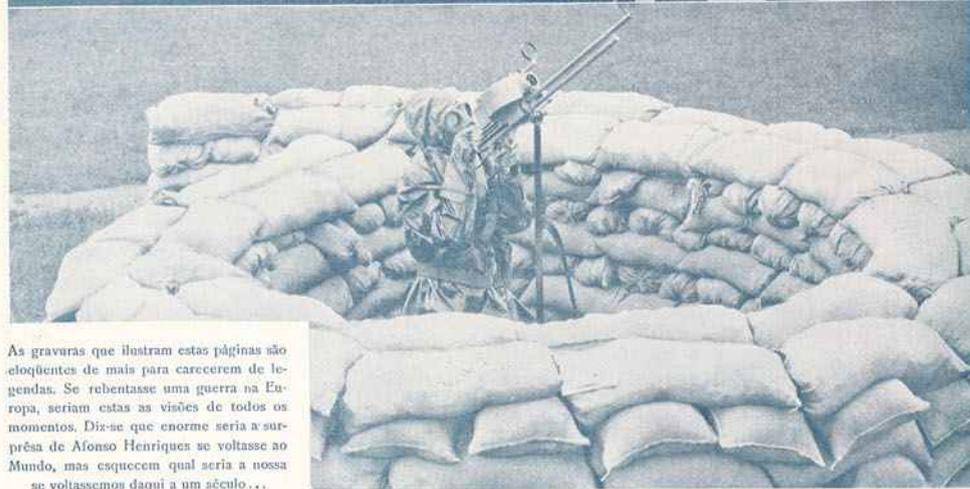


«Estamos prontos a melhorar as nossas relações com a Inglaterra, mas seria bom que a Inglaterra perca rapidamente certos modos que datam do passado. Não precisamos já de governantas inglesas...»

Palavras de Hitler



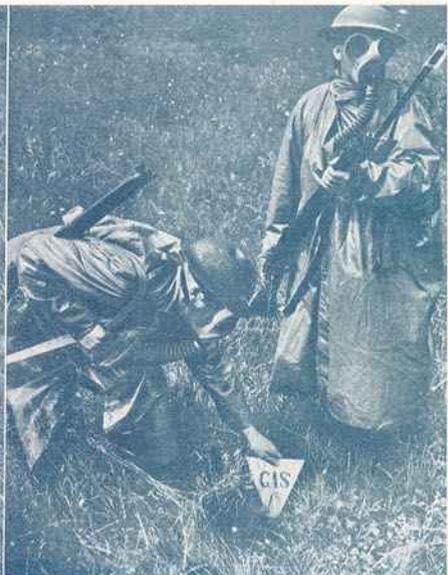
O flagelo dos gases asfixiantes de que a Europa se salvou



As gravuras que ilustram estas páginas são eloquentes de mais para carecerem de legendas. Se rebentasse uma guerra na Europa, seriam estas as visões de todos os momentos. Diz-se que enorme seria a surpresa de Afonso Henriques se voltasse ao Mundo, mas esquecem qual seria a nossa se voltássemos daqui a um século...



Desde que os sábios puzeram os seus laboratórios ao serviço da guerra, a bravura dos heróis medievais desapareceu. Os pesados montantes que conquistaram impérios ficarão bem adentro dos museus



HAVIA tempos que as aldeias barrozas andavam aterradas com os contínuos ataques de uma alcaeteia de lobos que lhes dizimava os rebanhos. Certo dia foi apanhado um lobo numa armadilha. Era um belo animal, bem provido de presas, tudo levando a crer que se trataria do chefe da alcaeteia.

Grande foi a alegria daquela gente que carreou para o povoado a fera, a fim de se lhe dar a morte mais afrontosa.

Cada um dava o seu parecer. Eram tantas as sentenças como os juizes.

— Enforca-se pelas pernas! — alvitrava um.

— Não, senhor! — berrava outro — esfolá-se vivo.

— Qual quê? — lembrava um outro — o melhor é largar-lhe fôgo!

Nisto, um venerando ancião pede silêncio. Todos os respeitavam pela sua honradez e pela paciência evangélica com que atura a megera que lhe calhou por esposa.

— Não se precipitem, senhores! — recomenda êle com a maior calma — tudo isso que para aí estão lembrando é pouco para castigar um malfeitor destes!... É preciso castigo mais atroz... Olhem... é fácil... Casem-no!

Certo poeta das dúzias, dêsse muitos que para aí abundam como cogumelos, dizia enfaticamente a um crítico:

— Os meus versos custam-me muito pouco...

— É natural — respondeu o outro — custam-lhe o que valem.

Discutia um frade italiano com um estrangeiro, o qual sustentava que a terra girava em volta do sol.

— O senhor não sabe — perguntava o



O homem de gênio lendo:
— «Você é um imbecil, um parvo e uma besta!...» (para consígio):
«Meu Deus! O que quererão dizer estas palavras cabalísticas?»



frade — que Josué mandou parar o sol? — isto vem na Bíblia.

— Justamente por isso — respondeu o outro — desde então nunca mais andou. Pelo menos, que me conste, Josué não o voltou a mandar andar.

Um indivíduo entra numa loja de barbeiro, e dispõe-se a fazer a barba.

O barbeiro, muito falador, disse ao freguês:

— Faço a barba de diferentes maneiras. Como quere que lha faça?

— Calado — respondeu o freguês que não estava para conversas.

Um viúvo recebe a visita de um amigo. Mostrando-lhe o jardim, indica-lhe uma árvore, e diz:

— Nesta árvore é que minha pobre mulher se enforcou.

— Não me vou daqui — diz o outro — sem me dar uma estaca para plantar no meu jardim. Sempre é bom estar prevenido.

Certo indivíduo pouco culto escrevia a uma namorada abrindo-lhe o melhor que sabia o seu coração amoroso.

Mau grado seu acumulava na escrita mais êrros do que palavras. Querendo, no entanto, desculpar a carência absoluta de ortografia de que a sua carta se ressentia, escreveu-lhe o seguinte *post scriptum*:

Não repares na ortografia, meu amor. Estou escrevendo à pressa, e, além disso, a pena está muito grossa.

Tendo um indivíduo ainda novo e de bom aspecto casado com uma senhora muito feia, porém muito rica, desculpou-se assim perante alguns amigos que estranhavam a escolha:

— Antes de me censurarem, devem levar-me em conta que eu tomei aquela joia pelo pêso, e não pelo feito.

A mulher de um sábio censurava o marido porque estava sempre a estudar, sem lhe consagrar a ela tempo algum.

— Gostava de ser livro — suspirava ela — porque ao menos, de quando em quando, havias de fazer algum caso de mim.

— Tens razão, minha querida — respondeu o marido — eu também gostaria muito que fosses livro... Olha, por exemplo, um almanaque.

— E porque havia de ser um almanaque?

— Para ter um novo todos os anos.

Querendo um comerciante exaltar o extraordinário movimento de uma casa de que era sócio na América, dizia alto e bom som para quem o queria ouvir:

— Não fazem ideia do movimento que ali há!... Calculem que só em tinta, para fazer a escrituração, expedir correspondências, passar contas e recibos, etc., gastamos o ano passado para cima de cinquenta contos de réis!

Pasmaram os ouvintes, mas um dêles, não levando a bem a farronca, decidiu responder-lhe à letra:

— É alguma coisa, lá isso é... mas supuz que fosses muito mais... Pelo que vejo, o movimento da minha casa é muito maior...

— Pois será possível? — perguntaram todos, maravilhados.

— É como lhes digo. Tendo eu determinado que na minha escrituração não puzessem os pontos nos ii nem cortassem os tt, consegui, o ano passado, uma economia de mais de cem contos...

Um cabotino, com pretensões a escritor, trocava impressões com vários conhecidos, alguns dos quais autores de alto merecimento.

— Desejaria fazer uma obra original, em que ninguém tivesse ainda pensado, nem viesse a pensar.

— Nesse caso, escreva o seu elogio — diz-lhe um dos espirituosos ouvintes.



O guarda do museu em 1958: — Aqui tem V. Ex.^{aa} um animal raro que viveu há 20 anos. «O homem que andava a pé!»

CLUBES EXTRAVAGANTES

EMBORA amigos, os ingleses nunca abraçaram fraternalmente os norte-americanos. Existe entre eles uma grande rivalidade, julgando-se o inglês muito superior em tudo.

Conta-se, que, tendo um londrino travado discussão com um cidadão norte-americano, remataram por apostar qual deles seria capaz de dizer o maior disparate.

A aposta valeria mil libras.

O norte-americano, tomando a palavra, começou:

— Havia um *gentleman* em Nova-York...

— Basta! basta! — gritou o inglês — dou-me por vencido... Ganhou a aposta... Aqui tem as mil libras...

— Mas se eu ainda nada disse, como poderia ter ganho a aposta?

— Pois não disse que havia um *gentleman* em Nova-York? Queria maior disparate? Quando é que existiu na América do Norte um *gentleman*? Ganhou a aposta... Aqui tem o dinheiro.

Isto é bem significativo para se avaliar o grau de consideração em que o inglês tem o norte-americano.

Como ha tempos Alfred Dunning afirmasse que nenhuma cidade do Mundo possuía tantos clubs originais como Nova-York, logo surgiu a resposta em defesa da Grã-Bretanha.

“Não ha necessidade de dizer — salientava um jornal britânico — que a Inglaterra é a primeira em tudo, a começar pelas instituições desportivas. Nenhum outro país se lhe pode comparar, não só pela sua posição social, mas também pelo seu dinheiro.”

Quanto a clubes originais, cita uma infinidade, e cada qual mais bizarro.

Vários jornais trataram do assunto, verificando-se que nem só a Inglaterra tinha a primazia de tais extravagâncias.

Citava-se, por exemplo, que, ha nove anos, a polícia de Valika, na Jugoslávia, descobrira um club constituído por mulheres, cujo fim consistia em envenenar os seus maridos. Intitulava-se a agremiação “Sagrada Lucrecia”, em honra, sem dúvida, de Lucrecia Borgia que, segundo é fama, foi uma das mais famosas envenenadoras até hoje conhecidas.

As associadas do club “Sagrada Lucrecia”, reuniam-se em certos dias do mês para discutir a sua terrível missão, e para comunicar os resultados dos seus esforços.

Uma ideia menos sombria reuniu há

tempos, um grupo de raparigas de Hull que tinham resolvido conservar-se solteiras.

Não odiavam os homens, mas desejavam conservar a sua independência, e, assim constituíram o “Nunca-Nunca Club”, cujo fim se resumia no seu emblema:

“Permaneei solteiras!” E ai daquela que quebrasse o voto feito, pois seria perseguida com a maior crueldade e requintada malvez por todas as suas consórcias!

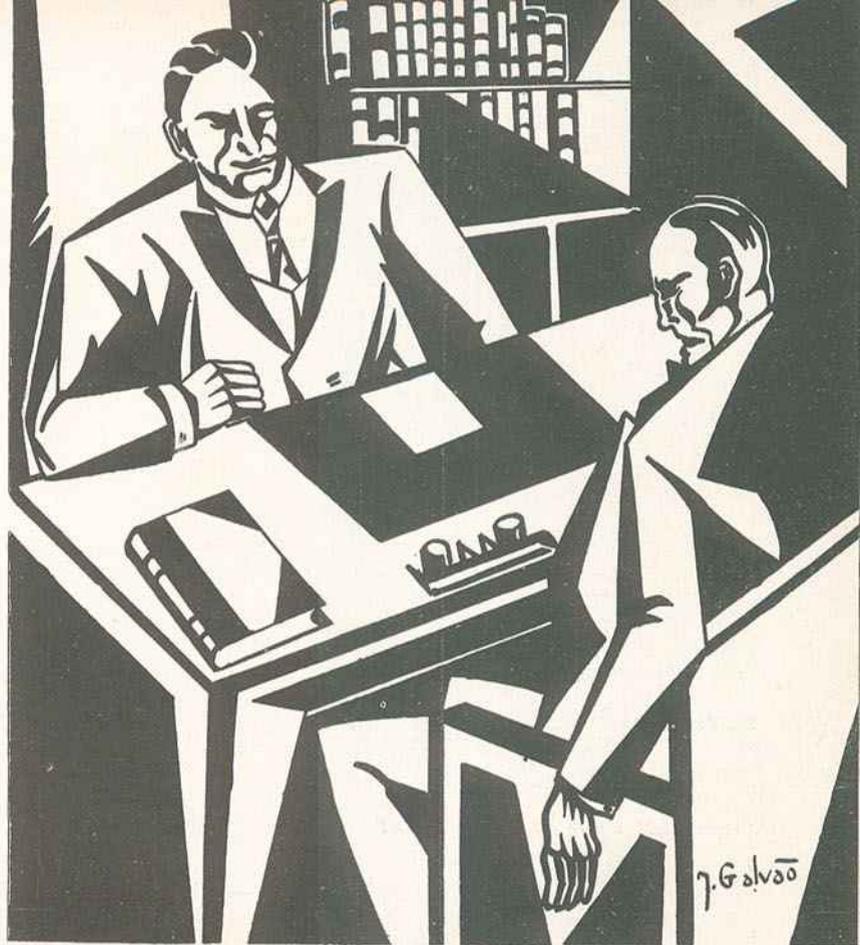
Em Hollywood funciona o “O Club do Jejum”, constituído para conservar uma corrente de camaradagem entre os seus membros que se reúnem uma vez por semana, em grupos de oito ou nove. São apenas cem, mas entre eles há homens de negócios, artistas, literatos e até magistrados.

O presidente toma assento numa cadeira sobre a qual se mostram suspensos um vaso de azeite — para lubrificar a amizade — e uma pá de ouro que expressa o desejo de levar a maior quantidade possível desse precioso metal aos corações humanos.

O “Club dos Bons Dias”, de Johannesburgo, foi fundado para obrigar os sócios a saudarem toda a gente com um sorriso de optimismo, ao começar o dia.

Um dos mais conhecidos clubs da Grã-Bretanha é o da “Pena Branca”, em que todos os sócios são obrigados a jurar não combater em caso de guerra. Esta instituição pacifista adquiriu aviões com o fim de, em caso de um conflito, ser possível aos seus membros tomarem o rumo dos Estados Unidos.

Existe também o “Club dos Vinte e Cinco”, composto por jornalistas desportivos. As côres do club simbolizam o tra-



balho dos seus membros: o negro, a tinta; o verde, as provas hipicas, o vermelho, a bola, etc.

Mas, a mais extravagante de todas as desta natureza é a que tem a sua sede na União. Chama-se o “Post-Mortem Club”, que, como o seu nome indica, conserva em posição de vivo o esqueleto de cada um dos seus sócios falecidos. Os sócios reúnem-se num banquete anual, tendo a última reunião sido presidida pelo esqueleto do seu antigo presidente Mr. J. M. Ma Adou, que aparecia sentado à cabeceira da mesa com um cigarro entre os dentes. Os estatutos desta singular instituição estabelecem que os seus membros são obrigados a legar ao club o seu esqueleto, a fim de continuarem a assistir, mesmo depois de mortos, às reuniões.

Terminaremos com a citação do “Club dos Cardíacos”, fundado há pouco tempo em França por um médico especialista de doenças de coração. O propósito deste ilustre cardiólogo não é, naturalmente, o de ouvir contar aos doentes o mal que os aflige, mas o de proporcionar-lhes a ocasião de se favorecerem mutuamente. A sociedade estabelece contribuições aos sócios mais ricos a favor dos mais necessitados e a ajuda nos trabalhos fortes aos cardíacos que não podem realizá-los.

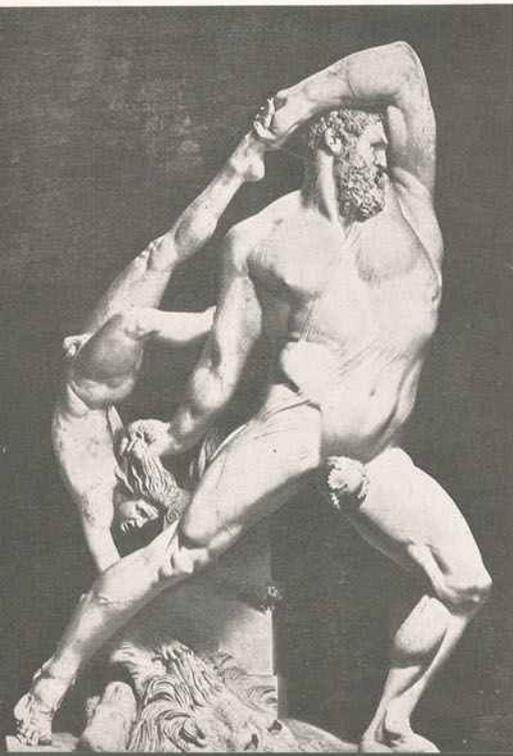
Como se vê, trata-se de um simpático exemplo de solidariedade humana que vai procurar no sofrimento comum, a mais nobre oportunidade para afirmar-se.



A virgem e o Menino — por Donatello (Museu de Florença)

III

LEMBRE-SE, Mestre Giovanni, e tenha cautela com esse estuporinho do moscardo que anda de novo às voltas das suas canelas, que o *Moisés* ou o *Julzo Final*, aqui nas igrejas de Roma, isto para lhe não citar a *Piedade* de Florença nem o magote dos *Escravos*, nem



Hercules e Liza — por Arie Antiga (Galeria de Arte Antiga, de Roma)

os estupendos sepulcros dos Médicis, que aquele titan arrancou das montanhas de Carrera, sangrando dos pulsos e do coração, ao serviço duma força super-humana, igual à dos maiores da Grécia e dos romanos, não foi uma provocação aos deuses destes, mas sim uma homenagem assombrosa aos deuses seus irmãos, que lhe não aborrecia e bem ao contrário, estudava e seguia, embora o seu *naturalismo clássico* — deixe-me passar o paradoxo —, avesso a intransigências religiosas, tivesse a inspirá-lo uma concepção divina, mas de semblante naturalmente humano. Aquele torso colossal que está no museu florentino e que dizem ser dum *Fauno*, é ou não uma peça formidável que poderia figurar aqui no Forum?

"Roma não foi ultrajada como parece aos polemistas! Continua a sua marcha para o triunfo da Eternidade, vivendo magnificamente nos seus heróis e nas suas corteças, quer seja sob regimens violentos quer generosos."

O exaltado camisa negra, que ficara com reservas por lhe terem cortado o discurso de há pouco, quando queria defender os atributos simbólicos do seu ideal, julgando oportuna uma nova arremetida de propaganda, comentou:

— "Não há regimens violentos nem generosos! Há povos que devem submeterem-se ao que as circunstâncias lhes impõem. Cá para mim, que vivo dos sentimentos, prefiro às vezes uma *Virgem*, de Rafael, a todas as vénus pagãs, que no final, não passavam de ser matronas copiadas com estilo."

D. Giovanni, irreverente pela sua superioridade de diplomas e de idade, interrompeu desabridamente:

— "O senhor Bernardino está fora do seu lugar. O seu lugar é na *Farnesina*, mas não como acadêmico. O senhor está lá empregado somente para vigiar os frescos do seu Rafael e explicar às pessoas sem instrução primária, as ilusões de óptica duma perspectiva ou as atribuições do seu presidente. Há que distinguir; e é natural que o pó destas bandas das vias sacras, lhe irritem a pituitária e o façam espirrar!..."

Esta crueldade fizera rir os circunstantes, como sempre acontece com as crueldades dirigidas aos indefesos. Bernardino amou e encabeçou as ironias do mestre-escola e o

DESVANEIOS
POR ENTRE AS RUINAS

Meia dúzia de verdades

boné negro da franja legionária, voltou as costas ao grupo e foi dar um pontapé num monilho de areia, mais além. Voltando-se para os lados da Rocha Tarpeia, ergueu-lhe um punho em forma de manguiço, o que provocou uma gargalhada geral e trouxe de novo o fascista ao ce-



A Sibila Delfina — por Miguel Angelo (Capela Sixtina)

náculo, rindo por sua vez, vitorioso, com o argumento do gesto que a sua revolta enobrecera.

O bom Clemente, perspicaz conciliador e ágil nas habilidades, aproveitou a boa disposição do riso e retomou a palavra, para enaltecer o período do Barrôco em Roma, que domina em grandeza os excelentes palácios, as magníficas igrejas e as famosas fontes daquela cidade católica, a qual, ao contrário de todas as outras de Itália, só revela os seus segredos em doses moderadas, diplomáticamente, femenilmente, sendo fertilíssima de encantos, como o é de recordações:

— "Roma tem duas faces eternas que lhe dão, por assim dizer, personalidade: — a que D. Giovanni delende e a que o cavaleiro Bernino simbolisa, para fazer cócegas nas gratuitas opiniões dos facciosos e dos desastrados defensores dos preconceitos, que não têm moderação na ditadura das análises do gosto e sofrem da insensatez dos lugares comuns do jornalismo. Roma que é austera e respeitável nas suas prosápias, parece gozar de palarque todas as irritações dos estranhos que lhe censuram os direitos estéticos de ser tal e qual é. Nós mesmo, neste chalacear de passatempo, vamos brincando em projectos e juízos levianos, só para merecermos o céu dos bem

INCOERENTES
OLIMPICAS DO "FORUM"

do conciliador Clemente

dispostos, com este malinguar desta simpática tarde, em que o poente barroquíssimo anda ali por trás dos ciprestes e dos loureiros a espadanar-se em flexas de luz espaventosa e a desarticular-se nas nuvens de ouro, com o brando vento que o Senhor manda das bandas do Aventino.



Busto de Nero em criança (Museu Barrasso, de Roma)

"O fidalgo Bernino, se encomoda tanto os exigentes da sobriedade, é porque a sua magia de criador arrebatado considerou os espaços sem limites para a expansão das formas, e numa liberdade só permitida aos grandes artistas, lavrou afirmações elegantes e indestrutíveis, servindo-se de todas as volúpias da raça e das variantes de Arte, para architectar uma obra onde a música, a cor, os movimentos, a forma, as águas e a luz se conjugassem em graciosas intensidades de expressão. A sua fantasia extravasou por fora da rigidez matemática das simetrias e das ordens; mas as suas maneiras foram sempre vivas e aristocráticas, com exuberância de motivos poéticos e sonoros, bailando consoante o vento das harmonias tocava os abundantes panejamentos da festa e as finuras dos desejos lhe guiavam os sentidos e o cinzel, embalado nas sugestões dos arvoredos, no capricho das asas e nas sensualidades das águas. O tão injustamente censurado estatuario de *Santa Tereza* nos seus deliquios, de *S. Sebastião* nos seus devaneios finais e da *Beata Ludovica* nas suas angustias de espasmos feminis, enriqueceu Roma de fontes sem par e de imagens com jeito humano e elegante, sabendo ao mesmo tempo engeñar as gigantescas colunatas de S. Pedro, os altares e os sepulcros de magnificentes composições,

tão imitados, mais tarde, por Algardi e mil outros seus discípulos, até chegar ao Cánova que entre ele e os velhos romanos, arrefeceu de novo a escultura dentro duma disciplina de cânones, embora da linda *Paulina* tenha feito um estímulo para perturbações dos amantes sem juízo.

"E sendo Roma uma cidade de luxúria, como é, luxúria que anda no ar como a luz a perturbar-nos, ninguém, portanto, melhor soube cantar na pedra essa fortuna abençoada, cujos enredos lhe foi arrancar a todos os segredos da terra, retratando assim a graça da sua oculta força, para com encantadores requintes de liberdades, harmonizar a vida com os sentimentos tradicionais, sempre olímpicos e heroicos nos romanos, que o nosso mestre D. Giovanni, como bom glútho venerável, parece já lastimar não ter mais à sua mão de semear, e então vem para aqui catequizar-nos com a moderação das ordens perfeitas, como se o Amor clássico não fosse tão belo como o mais desviado de agora!... Ora o Amor e a Arte, desde as eras pre-históricas, meus amigos, vivem de casa e pu-carinho, a filharem!..."

A gargalhada foi estrondosa. Se não fosse a hora convidativa das dissertações, o ponto final das oratórias seria de ouro; porém, como na amizade não há vencedores nem vencidos, pequenos ajustes de contas houveram de se fazer. Um outro rapaz, loiro e com perfil de Perseu, que até então tinha estado calado a roer as unhas da mão esquerda, voltou-se em direcção da igreja de S. Damião e S. Cosme, e disse:

— "A propósito, repareme naquela que ali anda a roçar-se pelos mármore, com um caderno de desenho na mão, e digam-me se ela não é tão bela como a coluna de Phocas, com a sua trunfa em capitel encaracolado e com os seus donaires de proporcionada architectura, posto que as ancas lhe saíam um todo nada das linhas clássicas. Se calhar o D. Giovanni perdoava-lhe ainda outros desalores maiores, se a podesse acariciar como lá tanto tempo aí está a afagar os rins desse fauno de pedra!..."

Todos os excursionistas correram a debruçar-se por entre as folhagens dos muros do pátio, e a própria calva do senhor Giovanni, brilhante de suor e com reflexos do ocaso, pareceu-lhe

Moisés — por Miguel Angelo (Igreja de S. Pedro in Vincoli, de Roma)

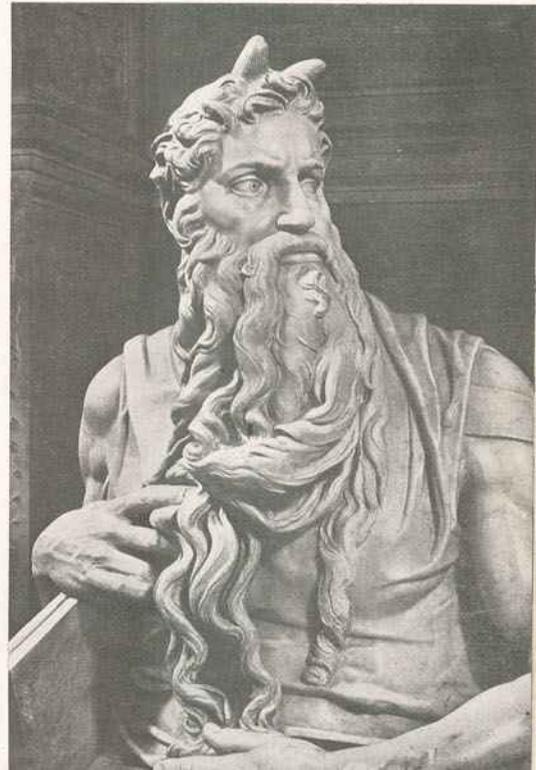


Santa Teresa — por Bernino (Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma)

tejar de apelites... O espirra-canivetes comentou a anormalidade, com irónico êxito e ajeitou os óculos para ver melhor, dando à cabeça um jeito de miarrada.

(Conclue no próximo número)

DIOGO DE MACEDO.





Romaria da Senhora dos Remédios

mãe alanceada. E seguem outros, outros e muitos, a cumprir os seus votos...

A romaria da Senhora dos Remédios, cheia de sol e cor, é uma das mais sinceras manifestações da fé ardente do nosso povo.

Na sua ignorância adorável, essa boa gente não pretende sondar os autores da

muda, nem soletrou nunca Lamenais ou Veullot.

A sua fé, límpida como um cristal, não carece de polimento para ser translúcida, podendo ver-se através dela em todos os sentidos. Não tem manchas nem aspezezas.

Vamos subindo o escadório, obra magnífica em nove majestosos lanços, que nos dá a ideia da simbólica escada de Jacob.

Lá em cima, no seu lindo altar, está a Senhora dos Remédios à nossa espera. Vamos subindo, subindo sempre... Dentro em pouco chegaremos ao céu...

Há quatro séculos, o bispo de Lamego, D. Manuel de Noronha, teve a ideia da construção deste templo.

Onde isso vai já!...

Existira ali uma capelinha humilde dedicada a Santo Estêvão. Mas o Tempo, tão cruel e irreverente como os bárbaros que lapidaram o proto-mártir do Cristianismo fez ruir a ermíndinha, não obstante os cuidados do bispo D. Durão que a fundara.

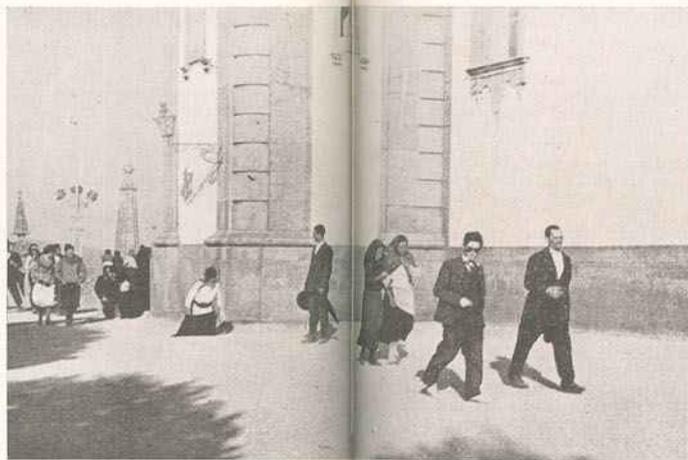
Por isso o prelado D. Manuel de Noronha quis que o novo templo fôsse todo construído em pedra de cantaria, não



ROMARIAS DE PORTUGAL

A SENHORA DOS REMÉDIOS EM LAMEGO

Almas que se elevam em tôda sua enternecedora simplicidade



olhando a encargos financeiros, visto que tôda a obra é esculpida com o maior esmero e arte.

Há nobreza na construção, é certo, mas uma nobreza simples como a que emoldura a alma do nosso povo.

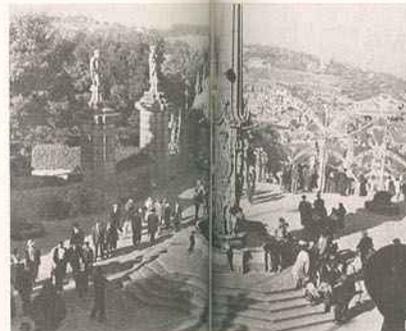
Lá do alto, disfruta-se um panorama soberbo, encantador, fazendo fundo ao trono excelso da Senhora dos Remédios.

E, com efeito, ali se encontra remédio para tudo o que possa alligir essa boa gente.

Milhares e milhares de romeiros vão chegando de todos os pontos do País. Acorrem à festa, em revoadas, e apesar de tantas léguas palmilhadas não se lhes nota fadiga. O júbilo aparece em todos os rostos.

Oh! as romarias de Portugal.

Lamego em festa, exultando em tôda a sua simplicidade graciosa



Do castanheiro gigantesco que nos dá sombra e frescura

Observem-nas no seu conjunto que valem mais que o mais bem orquestrado Te Deum da Capela Sixtina.

A pureza da fé que se entranha naquelas almas simples torna os rudes aldeões mais seguros de si que os próprios doutores da Igreja. É que no seu íntimo não se criam dúvidas de hermenêutica. As grandes reformas religiosas não se criam no seio inocente das aldeias, mas no bulfêcio constante e ensurdecedor das grandes cidades

que o Poeta classificou, com imensa razão, de "Babilónias hidrópicas de vício".

A crença das aldeias não tem o perfume enervante que turva o cérebro e estonteia o entendimento de quem pensa. Tem o aroma suave e inofensivo da alfazema que as nossas avós sem-

pre usaram para incensar o corpo e o espírito. É por isso que nos deliciou a singeleza mística e a alegria ingénua que encontramos nos romeiros da Senhora dos Remédios de Lamego. A fé que ali encontramos é eterna porque criou fundas raízes no coração da Raça.

Parece-nos que ainda ouvimos aqueles versos de António Nobre:

*Georges! anda ver o meu País de romarias
E precissões!
Olha essas moças, olha estas Marias!
Caramba! dá-lhes bilhões!
Os corpos delas, vi! são arivezarias,
Gula e luxúria dos Manfís!
Têm nas orelhas grossas arrecadas,
Nas mãos (com lavas) trinta moedas, em anéis,
Ao pescar serpentes de cordões,
E sobre os seios, entre cruzes como espadas,
Além dos seus, mais trinta corações!
Vi! Georges, jaze-te Manuel, viola ao peito,
Que não-de gostar!
Tira o chapéu... Silêncio*

*Passa a procissão.
Estralejam foguetes e morteiros.
Lá vem o pálio e pegam ao cordão
Honestos e morenos cavaleiros.
Altos, tão altos e enfiados os andores,
Parecem torres de David, na amplitude!
Que linda e acuada vem a Senhora das Dores!
Olha o mordomo, à frente, o sr. conde.
Contempla! Que tristes os Nossos Senhores,
Olhos laís filios no vago... não sei onde!
Vêm a suar:
Infantes de três anos, coitadinhos!
Mãos invisíveis levam-nos de rastos
Que êles mal sabem andar.*

*Poetria opaca. Abafa-se. E, no Cén ferro e oiro,
O sol em glória brilha olímpico, e de prata,*



Como a velha cabeça aureolada de Deus!

*Trombetas clamam. Vai correr-se o toiro.
Passam as chocas, boas mães! passam capinhas.*

*Pregões. Laranjas! Ricas cavauquinhas!
Pão de ló de Margaride!
Agoinha fresca da Moirama!
Vinho verde a escorrer da vide!*

*Qu'ê dos pintores do meu país estranho,
Onde estão êles que não vêm pintar?*

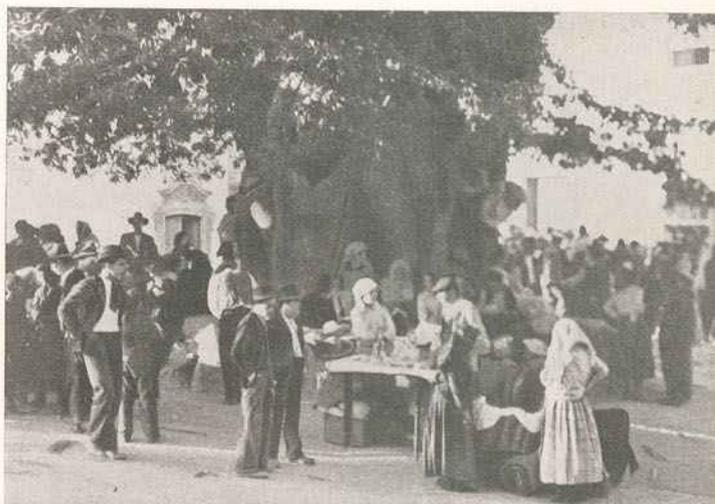
Este apêlo do Poeta do "Só" ainda se mantém, e cada vez com maior eloquência.

É certo que os nossos maiores artistas corresponderam algumas vezes, não muitas, ao convite, mas o assunto está ainda por tratar na sua essência, naquilo que tem de mais enternecedor.

Entretanto, a fotografia vai realizando o que a paleta dos pintores não quer fazer, apesar dos poderosos recursos das tintas com a sua magia de tonalidades.

E por aqui se vê o encanto que ainda encerram as romarias de Portugal, apesar da aragem mefítica que bafeja o Mundo.

(Fotos do DR. BEIRÃO DA VEIGA)



O castanheiro gigante que nos dá sombra e frescura



Ruínas do antigo castelo de Avô

A camioneta sai de Coimbra, já noite fechada.

Noite sem luar, em que apenas as estrelas pontuam a escuridão do céu. Passam horas silenciosas... Mal se divisam vultos de montanhas, sombras de arvoredo; e, de longe a longe, sente-se o tilintar das águas nos ribeiros.

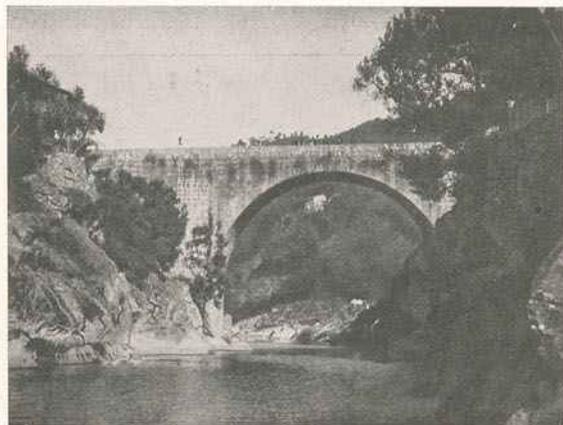
Nos povoados, adormecidos, uma ou outra luz espalhando fugitiva claridade sobre o casario e os quintais.

Só o arfar do motor, marcando as subidas, denuncia o acidentado do terreno...

E, assim, chegamos a *Arganil*, onde pernolamos.

Ao romper da manhã, levanto-me e percorro a antiga vila, que, decerto, daria bem, com os seus arredores, para um dia inteiro de agradável passeio e estudo.

E tenho pena de não poder trepar ao piramidal Montalto, que prende a vista



Ponte sobre o Rio Alva em Avô

como uma raridade geo-morfológica, e é um famoso centro de atracção daquele paganismo religioso que nos deu as romarias, ligadas ao culto católico.

A esquerda, além da varzea, *Sarzedo*. Atravessamos as regiões do Alva, senhor todo poderoso destes montes, vales e planícies, com 60 quilómetros de extensão, afluente do Mondego, que nasce também na serra da Estrela, principiando o seu curso no sítio da Cabreira, e ajuntando logo as águas do Corgo das Mós, da Fraga das Penhas, das Lagôas Redonda e Comprida, dos Barros Vermelhos e da ribeira do Sabugueiro.

Passamos, entre pinhais, em plano. *Secarias* — Linda ponte sobre o Alva. Nos oiteiros, casais desmantelados.

E a estrada volteia e revolteia por encostas, sobranceira aos vales.

Culturas, entre pequenas manchas florestais.

Para leste, a serra da Amarela, ligada aos contrafortes que prolongam a Estrela. O solo é schistoso, com barro e salão e seixos de erosão.

Atravessamos uma ribeira.

E chegamos a *Coja*, onde se está realizando uma feira. Enche-se a camioneta.

Passada a ponte do Alva, de três arcos de cantaria, delicio-me, a ver açudes e azenhas.

Mas logo prendo conversa com o meu companheiro de bancada, Luciano da Foz da Moira, do lugar de Agroal, freguesia de Pomares. Filho de camponezes, era ainda criança quando comprou uma pele de cabra, tanou-a, fez com ela um fole, arranjou carvão no monte — e fez pregaria, que começou vendendo. Assim se determinou a sua vocação: é agora um bom operário metalúrgico.

Da mesma freguesia, vai aqui o seu amigo José Nunes, a quem me apresenta: alto e bem parecido, testa campeira, de cabelos já grisalhos.

E as minhas boas relações aumentam: o estudante Vasco de Campos, das Carvalhas, freguesia de Penalva de Alva; António Nunes Mota, alfaiate de Vila Cova

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Da linda Coimbra às abas da imponente Serra da Estrêla

de Sub Avô, que me vai dando indicações topográficas, para os meus apontamentos; José Alves, de Anceriz, que me convida para, um dia, ir à sua *choupana*...

E o sr. Luciano, de Avô, tipo de energia beirã, que me parece prestigioso, pelo acatamento que todos lhe prestam, quando fala.

A baixa da Varzea ao Pisão, que se patenteia á nossa vista, coberta de milhais, é de grande fertilidade. A serra da Forcada domina-a, seguida, ao longe, pelas alturas de Degumbrã.

A estrada vai á borda duma ribeira que vem de Mouronho, cujas margens, como as de todos os cursos de água da região, são enfeitadas por salgueiros, vimes e sanguinios. E sempre, açudes e azenhas...

Passamos pela próspera aldeia de *Barril*. Outra ponte. Não longe, entramos em *Vila Cova de Sub-Avô*, pitoresco povoado sobre uma ribeira, numa concha de verdura aberta na graça ondeante das colinas, que, com as suas duas igrejas, as suas oito capelas, o seu antigo convento e a sua Misericórdia, era, já no século xviii, um centro importante na vida provincial.

E sempre o Alva! Todas as águas descem para êle, amorosamente cercado de insuas; nas encostas as vinhas, em soccalco, festejam-no.

Pescam-se no rio e nos seus afluentes a boga, o barbo, a enguia e a fruta. E nos montes abunda a caça, sobretudo o coelho e a perdiz.

Subimos. E Avô depara-se-nos, num fundo alpestre, encantadoramente.

A ponte, de um só arco, sobre o rio apertado em penedia, é o centro duma verdadeira cenografia. Acima ruínas do castelo, alicerçado em rocha viva, com as casas apinhadas á volta. Esguios ciprestes dão à écloga dos pomares, que as avizinham, um elegante acento.

No tempo de Afonso Henriques era Avô um coulo. Recebeu foral de Sancho I em 1187, renovado por D. Manuel em 1514. Pátria de Brás Garcia de Mascarenhas, o audaz guerrilheiro da Restauração, que aqui, perto das fragas da Serra da Estrêla, idealizou o Viriato do seu poema.

O bom Brás Garcia!

**Crie-me nestes vales delectosos,
Retrêrio de cáldios estios,
Quente abrigo de invernos rigorosos,
Labirinto de flores e de rios...*

E ao fim de tanta luta, que encheira a sua vida, cantava:

**Retiro-me a êstes vales, a estas fontes,
A êstes frescos jardins e pártios rios;
Quando vão cheios, caço pelos montes,
E n'êles peso, quando vão vazios...*

A rima parece tê-lo obrigado a um certo exagêro de fantasia! Ainda que o

rio de Moura, confluindo ao Alva, forme aqui uma espécie de lago...

Para sul, fica a serra de Açor, (1240^m) que, desde Sobral, avizinhamo Côja e Avô, vai até Arganil.

Maciços de arvoredo dispersos...

A oliveira encontramos-la em todo o percurso, dominando nas terras cultivadas.

Notámos nesta região, como em muitos outros pontos do país, à beira das estradas, eucaliptos, ailantos, acácias e mimosas. E' um êrro grave, porque, como de razão, os proprietários perseguem essas árvores, e as estradas em breve ficam sem benéficas sombras. A oliveira devia ser a espécie preferida para a vixinhança do amanhadio, como o carvalho, o sobreiro, o azinheiro e o castanheiro para sítios próprios para o seu desenvolvimento.

Chegamos á Ponte das Três Estradas, onde tem seu têrmo três freguesias, e se faz a junção do Alvôco com o Alva; límpidas águas, batidas pelo sol ardente da tarde estival, desprendem-se cintilações.

Em debrens de montes, divisam-se Santa Ovaia e Aldeia da Dez; perto fica a Senhora das Prêças, a Vale de Maceira. Na corrente do Alva — S. Sebastião, Rapada, Penalva e Sandomil.

Também a montante, ficam as Caldas de S. Paulo.

Sigo a pé, sôzinho. A estrada de macadame vai á vista do rio Alvôco, cortado de repêzras. E há lindas moendas!

Nas encostas crescem os matos — a queirô, a urgueira, o tójo, a carqueja, o lentisco, o sargaço, a margarica.

Avista-se o Colcurinho, a grande altura. Uma velhinha, que anda a apanhar lençisqueiros para fazer vassoiras, é a única alma cristã que encontro no descampado. E' do Chamalde, aldeia d'além do rio; conversamos: é pobre, mas alegre. Pergunta-me de onde sou, e espanta-se de eu ter vindo de tão longe para ver serras: ela nunca saiu daqui, nem lhe faz curiosidade o mundo.

Descansamos á Fonte das Barrocas. A velhinha e eu bebemos regaladamente — e seguimos.

Á Tojeira começam as Regadas, de fartos milheirais.

Passamos Vale do Moninho. Da direita desce a ribeira do Avelal...

Que frescura!

E entramos em Alvôco da Serra, povoação aprazível, de casario novo, entre dois ramos da Estrêla — o de S. Sebastião da Feira e o do Outeiro dos Chãos.

Além da ponte antiga, um lagar do velho estílo, talvez contemporâneo do Viriato...

Despeço-me da amável companheira, e vou de novo sôzinho por um caminho carreiro, sobranceiro ao rio, que rasga o

seu leito na fragosidade dos montes, cobertos de matos e pinheirais.

Aqui e além, as insúas alargam-se; aparece um e outro casal, e quintas.

A uma volta, um maciço de grandes oliveiras, carvalhos e castanheiros, revelando terreno planturoso.

Já a noite se fecha, e apresso o passo, lembrando-me os lóbos... Não sei por onde vou; não vejo onde ponho os pés; tropeço, caio.

Ao levantar-me, não é um lóbo que vejo, mas um homem... Pergunto-lhe se é perto a povoação da Vide, para onde me dirijo. Mas o homem parece não me entender! Insisto, e êle começa a rir: julgo-me num pesadêlo...

Mas sinto vozes, chamando. É a mãe e o irmão do louco, porque é um louco aquele extranho companheiro.

Vêm procurá-lo: mas êle senta-se e não quer ir. Então, coitados, levam-no quasi às costas... E vou com êles; á entrada da Vide, desaparecem numa quêlha.

É grande a escuridão. Mas vou tropeçando e andando... Entro numa taberna, quasi ás escuras; peço quartel; não ha. Adiante outra taberna, mas não há também quartel. E aqui explicam-me que a aldeia está em festa, que está tudo cheio, que há muita gente de fora.

— Mas onde está essa gente? pergunto. — Está a dormir; a festa é amanhã...

De súbito, a claridade dum candieiro, com que alguém assoma á janela, ilumina próximo um grupo de oliveiras na ribanceira; parece-me acolhedor, e resolvo passar ali a noite ao rentado.

Mas um vulto passa, apressado; é o irmão do louco: verdadeiramente o assalto...

Declara-me que não tem cama que me dê, nem mesmo o agasalho dum palheiro...

— Sou um pobre; mas sossegue, que há de ficar debaixo de têlha — diz.

Eis o que me parece uma esperança mística!

Entramos noutra taberna. E vamos comendo e bebendo: o vinho é mau, mas o optimismo inunda-me...



Ponte das três entradas em Avô

A rapariga que nos serve é inteirada, pelo meu amigo Amaral, do estado da questão. É muito bonita a pequena, e vejo que se comove... Mas não tem cama... para mim! Volto á ideia de me estender no bardão do caminho, debaixo das oliveiras.

Mas Amaral bebeu: trava-me do braço, loquacíssimo, cheio de inilimidade.

Descemos, passamos uma ponte, subimos, e damos numa loja de mercearia e fazendas, iluminada por um gazómetro.

O dono da loja é um homem de meia idade... Mal olha para nós, e continua as suas arrumações. Bato sobre o balcão, e êle abasteca-nos de tabaco, papel e fósforos.

Mas eis que toma agora um livro, e lê e escreve; vê-se que confere a diária: — decerto vai cerrar as portas.

Pego dum jornal que está sobre o balcão... Com perigo de cair em réclamo, quero declarar, gratamente, que êste jornal era o *Diário de Noticias*. — Finjo lêr, talvez, vendo-me interessado, êste excelente homem demore um pouco: está-se aqui tão bem!

Vai para o fundo da loja, e não o sinto mais. E o jornal interessa-me, ó se interessa! Adormeço sobre o jornal...

— Não é o sr. dr. Lopes d'Oliveira?

Desperto, atônito; é o dono da loja que me dirige a pergunta...

Há Deus!

Estou em casa dos Nobres, de Vide, que me acolhem hospitaleiramente.

LOPES D'OLIVEIRA.



Uma vista de Arganil



Robert Young, o homem que dá mais opiniões sobre modas femininas

O HOMEM

É O ÁRBITRO DA MODA FEMININA

"Além disso, são muito cuidadosos com respeito á qualidade da roupa no acto da compra.

"As mulheres tratam de seguir cegamente qualquer moda, por mais ridícula que seja. Por outro lado, os homens, sendo por natureza conservadores, examinam com calma as peças de roupa que compram, procurando adquirir algo simples em vez de elegante e, ao mesmo tempo, útil para diferentes ocasiões, em vez de encher o seu guarda-fato

com inúmeros ternos e calçados para uma só ocasião.

"Uma senhora que peça a qualquer homem que analise uma fazenda e ficará maravilhada com os seus conhecimentos. Há nove probabilidades contra uma de que êle diga para que modelo se presta, quanto durará, e como ficará depois de lavada e passada.

"Por outro lado, a mulher não pode ser suficientemente impessoal para fazer a mesma coisa. Os olhos dela concentram-se em cada acessório separadamente, e examina-os um por um. Depois vem a crítica da cutis, do cabelo, e até do pêso que julgam ter sua vítima."

Esta é a razão pela qual o homem é melhor crítico, segundo a opinião de Dolly Tree. E, assim, ante as suas observações a respeito de vestir ou acessórios, não se deve tomar um ar desdenhoso nem soltar observações como esta:

"O que é que você sabe de roupas femininas?"

Embora seja penoso para algumas mulheres admitir tal, o homem entende muito mais sobre a roupa feminina, sobre os mais recentes estilos e sobre o tipo adequado para êste ou aquêlo modelo.

Portanto, quando o homem achar alguma coisa pouco adequada no vestuário, deve-se crêr na sua palavra.

O homem é honesto nas suas observações. De outro modo não se atreveria a fazê-las.

— "E agora pensem — diz Miss Tree sorrindo — e digam-me se as mulheres são realmente sinceras umas com as outras? São inteiramente justas ao dizerem a uma conhecida que tal ou tal vestido lhe assenta bem ou mal?"

E, em boa verdade, isto tem razão de ser pois assenta em bom fundamento.

— "Eu nunca encontrei um homem que não tivesse razão nas suas opiniões sobre modas femininas" — salienta miss Dolly Tree.

— Mas não acha que esta declaração trará inumeras discussões? — perguntaram-lhe.

— Naturalmente. Uma delas é sobre as unhas pintadas de vermelho vivo... E francamente êsse vermelho berrante não é muito próprio, a não ser num baile de máscaras ou algo semelhante.

Ouvi os conselhos de alguns homens sensatos que preferem ver as unhas polidas de um rosa palido, ou o mais natural possível.

— E sobre o *rouge* dos lábios? — perguntaram-lhe ainda.

— Os homens não acham neste por menor outra objecção que não seja o facto de que os lábios perdem a côr natural... e, além disso... porque os comprometem muitas vezes...

Se o belo sexo tivesse sempre em mente que os cosméticos não foram inventados para criar a beleza, mas sim para realçá-la, sofreriam menos crítica do sexo oposto.

As mulheres devem sempre lembrar-se de que o homem se sente orgulhoso de ser visto na companhia de uma jovem naturalmente bela e elegantemente vestida. Portanto, qualquer crítica que êle fizer, deve ser tomada em consideração.

E, desta maneira, Dolly Tree concede aos homens todos êstes laureis, apesar de ser ela criadora de modas e de pertencer ao belo sexo.

— "Trabalho sempre com os homens. — remata ela — com directores de filmes, cenógrafos e muitos outros de vários ramos da indústria cinematográfica. E, sempre que algum deles me dá uma sugestão, penso duas vezes antes de a rejeitar, Talvez pareça inacreditável, mas, de dez sugestões que eles me dão, nove são absolutamente certas."

SÃO as senhoras que mais se preocupam com a evolução da Moda, dedicando-lhes os seus melhores pensamentos. Sempre que está para dar-se mudança de estação, as damas embrenham-se em profundos estudos, a fim de ser feita a escolha do que lhes fique melhor.

E, no entanto, os homens têm mais gôsto do que as mulheres no que diz respeito à Moda feminina.

Dolly Tree, criadora de modas nos estúdios da Metro-Goldwin-Mayer, é desta opinião, acrescentando ainda sem vacilar que "se fôsse maior o número de mulheres que ouvissem os conselhos dados pelos homens, os seus êrros de vestuário diminuiriam notavelmente."

Mas não fica por aqui. Justificando o que afirma, a arrojada Miss Tree acrescenta:

"Na sua maior parte, os homens demonstram pelo seu próprio vestuário que têm um gôsto mais apurado do que a mulher.

"Os homens são extraordinariamente conscienciosos sobre a importância de bem vestir. Muitos poucos deles saem pela manhã de casa com as calças por vincar ou sem um lenço limpo cuja ponta assoma cuidadosamente do bolso superior do casaco.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

EM PAÇO D'ARCOS

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Amália Lynse, D. Elvira Ramos, D. Elvira Vieira, D. Fernanda de Lencastre Laboreiro Fiuza, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Maria Adelaide Faria de Aguiar, D. Maria do Carmo Lobo da Silveira Fiuza, D. Maria Helena da Silveira, D. Maria Fernanda de Melo Beirão, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria Moiniz da Camara, e D. Maria Peregrina de Lencastre Freire, realizou-se no elegante recinto de patinagem da Avenida Marquez de Pombal, em Paço d'Arcos, uma interessante festa de caridade, na tarde do dia 24 de Setembro último, que constou de ginkana em patins, seguida de «chá», e cujo produto se destinava a favor de várias obras de beneficência, patrocinadas pela comissão organizadora, tendo decorrido com extraordinária animação, e elegância.

EM PAREDE

A favor de uma obra missionária, realizou-se na noite de 24 de Setembro último, no elegante recinto de patinagem do Rádio Club Português, na Parede, uma interessante festa de caridade, que constou de três provas em patins, e de uma demonstração de «hokey» por uma equipe do Rádio Club Português, festa, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo a comissão organizadora composta de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte D. Amélia Torres Farinha, D. Ana Mayer de Carvalho, Baroneza de Almeirim, Condessa da Povoá, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Izabel Ortins de Bettencourt, D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Maria da Assunção da Horta Machado Guedes, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo Mendes de Almeida de Figueiredo, D. Maria Ferreira Pinto Shillwell, D. Maria José de Magalhães Coutinho Nobre Guedes, D. Maria Luíza Rocha Ferreira e D. Maria Manuela Renato de Araujo, ficando plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artistico e mundano.

NO ESTORIL

Nas tardes de 1 e 2 do corrente, efectuou-se na magnifica explanada Tamariz, no Estoril, gentilmente cedida pelo actual concessionário sr. Domingos de Freitas, uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Alice de Sousa e Melo, D. Ana da Camara Ribeiro Ferreira, D. Beatriz Bejiamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, Condessa de Sabugosa e de Murça, Condessa de São Lourenço, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Amalia Segueiro Pinto da Costa Leite, D. Maria Ana Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria de Oliveira Reis, Marquesa de Tancos, D. Octavia Stramp Martins Pereira, Viscondessa de Atouguia e Viscondessa de Coruche, cujo produto se destina a favor da Associação Protectora das Escolas para creanças Pobres, Casa dos Pescadores de Cascais, e outras Obras de Beneficência patrocinadas pela comissão organizadora.

Constou a festa de «ginkana infantil», kermesse, tombola, corridas de bicicleta, comboio, pesca milagrosa e de regatas na baía em frente da explanada Tamariz, organizadas pelo Club Naval de Lisboa.

O aspecto do recinto da explanada Tamariz, durante as duas tardes, foi, como era de esperar elegantissimo, tendo-se ali reunido tudo que de

melhor conta a nossa primeira sociedade, entre a qual nos recorda ter visto as seguintes senhoras:

Marquesa de Tancos, marquesa de Ponte de Lima, condessa de Vil'Alva, condessa de Póvoa, condessa de Castro Marim, condessa de Penalva d'Alva, condessa de Castelo Mendo (D. Rita), condessa de Monsaraz e filha, viscondessa de Coruche, viscondessa de Atouguia, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria Paiva de Andrade, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filha, D. Laura de Moraes de Carvalho, Senhora de Saldanha da Gama, D. Cristina Resende da Silva, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Palmira Cau da Costa Santa Rita, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Maria Antónia Pinheiro Xavier, D. Maria Cristina Delgado Olavo, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e filhas, D. Maria Luíza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria da Nazaré Centeno Infante da Câmara, D. Alice Sousa e Melo e filha, D. Ida Xavier de Brito Barata e filha, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Ana Cabral da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Beatriz Benjamin Pinto Gonçalves e filhas, D. Maria Manuela de Vasconcelos e Sá, D. Paulina de Vasconcelos e Sá Xavier e filha, D. Amélia Valejo de Oliveira e Silva, D. Maria Albina Cordeiro Rebelo, D. Filomena Câmara Vieira da Rocha, D. Maria Luíza Salema de Avilez, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomázia Canas Ereira, D. Alice Canas de Aguiar, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Elsa de Almeida e Vasconcelos, D. Amélia Rojão Caiola Bastos, D. Sofia Zafani Cagi, D. Graciete Branco Santa Rita, D. Ilda Brandão, D. Fernanda Montelhaño, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Alice Sauvini Bandeira Bastos, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria José Lobo da Silveira Bleck, D. Maria Amélia Lucas Torres Farinha e filha, D. Mand de Mendonça e filha, D. Maria Ana Davidson Perestrelo de Vasconcelos, senhora do dr. Renato de Araujo e filhas, D. Eugénia Maria Perestrelo de Mozer, D. Sofia Buzaglio de Mozer, D. Maria Carlota Gorjão Henriques de Lencastre Freitas, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Ricardina de Freitas, D. Fernanda de Almeida de Orey, D. Maria Manuela de Orey Roquete, D. Lina de Andrade, D. Irene de Oliveira Sequeira de Avila, D. Maria de Moraes, D. Júlia Abecassis Sernia, D. Natália Cohen Zagury Casés, D. Laura, D. Domitília e D. Eugénia Marques Leal Pancada, D. Maria Leal Pancada Bravo, D. Isabel Van-Zeller de Roure, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria José Canas da Costa e Silva, D. Maria Emília e D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Leonie de Baca, D. Simone Manzoni de Sequeira, D. Maria Eduarda Nunes Pinto, etc.

Festa elegante

Na noite de 22 de Setembro último realizou-se no salão do restaurante do Casino Estoril, a tradicional festa dos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, festa que constou de «jantar à americana» seguido de baile, durante o qual se exibiram vários números de variedades, que pela primeira vez se exibiram na Costa do Sol.

Na selecta assistência, que enchia por completo o vasto salão do restaurante do Casino Estoril, recorda-nos ter visto entre outras as seguintes senhoras:

Viscondessa de Olivá e filhas, baronesa de Cadóro, D. Júlia Camacho Santos, D. Ida Xavier de Brito Barata, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Luíza Teles Guedes, D. Gabriela Rantires dos Reis e filha, D. Suzana de Castro e filha, D. Clarisse Marques da Costa Pinto Bastos, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Ena Barjona de Bivar D. Marta Cabral e filhas, D. Filomena Borges Lamarão Vieira da Rocha, senhora de Júlio de Abreu Campos e filha, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomázia Canas Ereira, D. Alice Canas de Aguiar, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Margarida Amaral Lopes, D. Esperança Cardim Bastos, senhora de Artur Vilar, D. Alice de Sousa Melo, senhora de Vilhena (Viana do Alentejo), D. Irene Anes Caro de Sousa, D. Eugénia Ribeiro da Silva e sobrinha, D. Sara Leitão, D. Joaquina Nunes de Carvalho e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Maria Margarida Peixoto da Costa Félix, D. Isabel Calheiros de Abreu, D. Júlia Vieira da Silva, D. Maria Amélia Ferreira de Castro Soares Branco, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Amélia Salter Belmarço Navarro de Andrade, D. Alexandrina da Fonseca e filha, D. Maria Amélia Lucas Torres Farinha, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Maria Conceição Assis Brito, D. Maria Correia da Silva, D. Maria Noémia Correia da Silva Ataíde Tavares, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá, D. Ormindia Pereira Cardoso e filha, senhora do dr. Ornelas, D. Jeanne von Gingelen e filhas, D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro dos Santos, D. Adelfina Deniz de Almeida, senhora de Raúl Valentim Lourenço, D. Atizira de Brito e Silva Osório de Castro, D. Carolina Joaquina Costa e filha, D. Ana Nunes de Carvalho da Mota, D. Júlia Tedeschi Bettencourt, e filha, D. Heloisa Cid Bastos Guerra, D. Paulina Clemente Pinto, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão e filhas, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Maria Rio de Carvalho e filha, D. Maria Marinho da Cruz Cardim, D. Virginia Silva, senhora de Fernandes da Silva, D. Irene Guimarães Magalhães Coutinho, senhora de Paulo Manso, D. Maria Luíza Guedes Pinto Machado, D. Maria Adelaide e D. Beatriz Maria Coelho, D. Maria Máxima e D. Maria Isabel de Melo Arriaga Tavares, D. Maria



Casamento da sr.^a D. Mariana Costa de Almeida com o sr. Luis da Costa Prouença, realizado em Moita do Ribatejo (Foto Moreira)

Emília e D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Antónia Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Luíza Mateus dos Santos, D. Maria de Lourdes Pinto, etc., etc.

Casamentos

Na paróquia de Moita do Ribatejo, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Mariana Costa de Almeida, interessante filha da sr.^a Dr.^a D. Arcanjo Costa de Almeida, e do sr. Luis Manuel Afonso de Almeida, com o sr. Luis da Costa Prouença, regente agrícola, filho da sr.^a D. Brígida da Costa Prouença e do sr. José Baleiras Prouença, já falecido, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Florência de Almeida Costa e D. Amália Galvão e de padrinhos os srs. Manuel Lourenço da Costa e o sr. coronel Lopes Galvão.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria da Natividade Jesus de Castro, com o sr. António Rodrigues Lopes, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Aurora Frota e D. Sílvia Furtado, e de padrinhos os srs. Manuel Frota e Marcelino Furtado.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Emília Duarte Silva Macedo Santos, esposa do sr. Dr. Frederico de Lemos Macedo Santos, secretário do Instituto Nacional do Trabalho. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Presidido pelo reverendo prior da freguesia, celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira o baptizado da menina Helena Rosa Ferrer Marques dos Santos, gentil filhinha da sr.^a D. Anita Ferrer Falcão Marques dos Santos e do nosso querido amigo o sr. Aníbal Falcão Marques dos Santos, tendo servido de madrinha a avó paterna sr.^a D. Guilhermina Falcão Marques dos Santos e de padrinho o seu tio paterno o sr. Joaquim Falcão Marques dos Santos.

D. NUNO.



O fonógrafo nos seus primeiros tempos

No próximo mês de Dezembro passa o 61.º aniversário da invenção do gramofone.

Thomas A. Edison, dando largas às suas poderosas faculdades, inventou "essa tão engenhosa quão curiosa máquina falante dotada de um cilindro de cera, uma membrana de mica e uma enorme corneta de lata".

Anos depois, o mecânico Emile Berliner, emigrado alemão nos Estados Unidos criou um processo de "escritura do som".

Foi isto em 1887. Nessa altura, a arte de reproduzir as palavras faladas e a música tinha já dez anos de existência. Edison, logo a seguir ao seu invento, fê-lo cantar o *God save the queen* que tanto entusiasmou a Inglaterra.

Cumpre dizer, no entanto, que a reprodução não era muito natural nem agradável, embora compreensível.

Mas, o êxito obtido nessa tarde memorável em que Edison, o mago do parque de Menlo, soltou as primeiras palavras de uma canção infantil no seu singelo

microfónio, reproduzindo-as por meio do seu invento, constitui o começo da era da reprodução da palavra e da música, isto, é, a era do gramofone, da rádio e da película sonora.

Se pensarmos bem, o mais surpreendente de esta reprodução da música não é o processo de impressionar o som no disco ou no cilindro, mas a obtenção desse mesmo som em toda a sua beleza e nitidez por meio das vibrações de uma membrana, ou, nos altos falantes modernos, de um pequeno cone de papel ou de qualquer outra matéria.

Esta maravilhosa obtenção só se torna possível depois de ter sido impresso no disco o som com todos os seus matices, os seus altos e baixos.

Nos cilindros do gramofone de Edison os sons eram impressos por meio de uma agulha no cilindro em rotação.

Emile Berliner reconhecendo que, desta maneira, nunca poderia obter uma reprodução verdadeiramente perfeita, concebeu a escritura ondulada em que o som é im-



O operador fazendo o fonógrafo repetir as palavras gravadas e gravando-as



presso de igual forma que as vibrações finas de um ponteiro sujeito a um deslocamento sobre um plano coberto de fuligem.

Emile Berliner substituiu também o cilindro de difícil manejo por um disco plano que ainda subsiste sem modificações através de meio século.

O disco gramofónico, nesta forma, tem

em um disco de 25 centímetros em 4 minutos, é de uns 250 metros. Uma escada que pudesse atingir tal altura deveria ter mais de mil degraus. Um dos últimos inventos de Edison foi o disco gramofónico de 40 minutos de duração em que podia caber dez vezes mais música ou palavras que dantes.

Com a invenção de Berliner surgiram muitas fábricas de discos em vários países.

Em fins do século passado, foi fundada na Europa a Grammophon-Gesellschaft, cuja primeira fábrica apareceu em Hannover, cidade natal de Emile Berliner. Desta cidade saem ainda hoje, para todo o Mundo, os discos gramofónicos gravados pelo mesmo processo, com a designação "Grammophon" para a Alemanha, e a de "Polydor" para o resto do Mundo. O caso é que a designação "Grammophon", sendo, a princípio a marca de uma fábrica particular que pretendia divulgar a novidade da "escrita

MÚSICA DE CONSERVA

Os avatares do fonógrafo

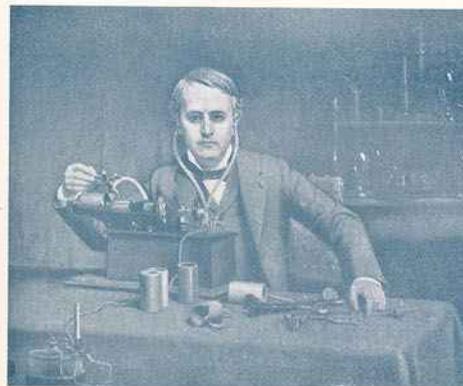
Mais de meio século em que pouco ou nada se adiantou

a mesma importância para cultivar a "música do lar" que para o arquivo acústico que colecciona a fala dos diversos povos ou para as emissões da Estação de Ondas Curtas que se impressionam em discos antes da transmissão e que de noite, quando no outro hemisfério é ainda de dia, se lançam por todo o Orbe mediante as centenas de ondas dirigidas. Também a película sonora trabalhou, a princípio, com discos até que o processo foto-acústico deu a possibilidade de impressionar o som e a imagem numa só fita.

O espaço de um disco gramofónico é enorme. O caminho percorrido pela agu-

berlinesa, em contraposição ao cilindro do fonógrafo, chegou a ser um termo geral para designar os aparelhos falantes de todas as casas produtoras.

O primeiro disco foi fabricado por uma sociedade alemã tendo por base a patente de invenção de Berliner. Era um disco diminuto com poucas palavras, que se podia meter dentro de uma boneca.



Edison inventando o fonógrafo

Dando voltas a uma manivela, a boneca começava a dizer as palavras gravadas no disco.

Pouco depois, ainda antes de findar o século passado, os primeiros discos gramofónicos começaram a conquistar todo o Orbe.

A Europa impunha-se. Ainda hoje se produzem em muitos países milhões e milhões de discos gramofónicos por ano.

Graças ao câmbio internacional de discos, a música dos diversos povos está ao alcance de todas as pessoas, propagando não só as obras primas da música clássica dos países principais, mas a música de baile inglesa e americana. Nos países mais remotos e separados do Mundo impressiona-se e difunde-se a música folclórica em oficinas próprias como no Japão, China e no arquipélago indico.

Ainda que o disco não tenha sofrido modificações, a evolução da técnica trouxe

consgo novidades. A princípio, era necessário dar voltas a uma manivela para pôr em movimento o disco e ouvir a música, mais depressa ou mais devagar, segundo o gosto de cada um. Muitos anos depois, foi inventado o gramofone de corda e, por fim, há uns dez anos aproximadamente, apareceu o gramofone com motor eléctrico.

E, à medida que se ia melhorando a corda dos aparelhos gramofónicos, ia sendo aperfeiçoada a reprodução do som. A "música de conserva", da buzina de lata do fonógrafo de Edison, converteu-se, depois da Grande Guerra, no gramofone-mala, de fácil manejo, a seguir no gramofone-armário, e, por fim, nos dispositivos eléctricos especiais para gramofones dos que, hoje em dia, dispõem quasi todos os aparelhos perceptores e com os quais é possível conseguir uma boa impressão feita, segundo o método da "escritura Berliner", com todos os matices dos sons, reproduzindo-os em toda a sua nitidez e perfeição.

A Rádio ameaçou terminar com o disco gramofónico, e, na verdade, este perdeu muita da sua importância na América, enquanto que na Europa se



O fonógrafo actual

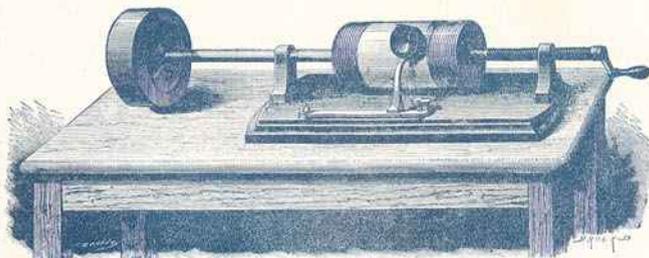
chegou a compreender que a reprodução eléctrica e natural do disco gramofónico por meio do aparelho receptor, oferece possibilidades insuspeitas de produção artística.

O disco gramofónico teve a sua "ressurreição".

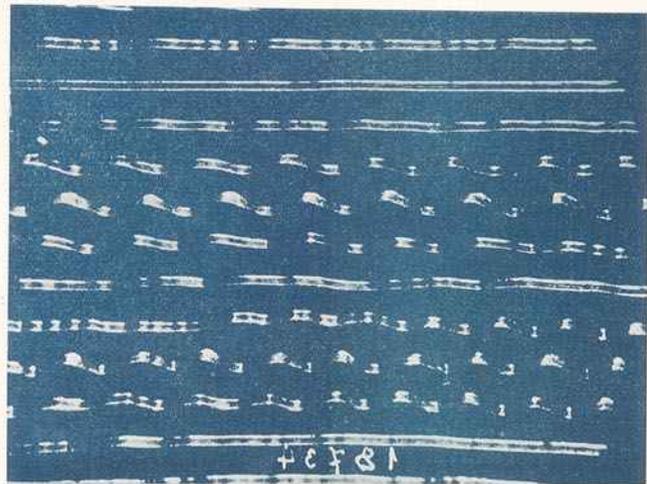
No entanto, apesar de todas as mudanças e adiantamentos, uma coisa se mantém sempre na mesma: o método de imprimir o som — a chamada escritura inventada por Berliner há meio século.

Que mais virá ainda?

Em boa verdade, seria arrojado adivinhar... A mente do homem eleva-se cada vez mais para a completa realização das suas aspirações.



O aparelho saído das mãos de Edison



A impressão de sons de uma canção com acompanhamento de orquestra num disco



A CURTA VIDA

DAS ESTRELAS CINEMATOGRAFICAS

infância, causando a delícia de quem a ouviu.

—Lembro-me perfeitamente—dizia ela—de que, quando menina, usava no meu cabelo grandes laços de fita cõr de rosa viva, e poucas vezes saía para brincar. Preferia ficar em casa, brincando com os vestidos de minha mãe e imaginando ser uma grande artista do palco. Ainda hoje não posso deixar de me rir cada vez que penso nisso!

Apesar de Miss Merkel guardar na memória inúmeros incidentes de sua infância, o que mais viva impressão deixou nela, foi a bondade de uma das suas vizinhas.

*Una
Merkel*

—“No dia em que morreu meu avô, —relata ela—uma vizinha a quem minha mãe nunca tinha sido apresentada, preparou as nossas refeições. Era a época da Páscoa e a boa senhora teve a gentileza de trazer-me uma cestinha de ovos dourados e bombons, igual à que tinha comprado para seu filho. Jamais me esquecerei da emoção que se apoderou de mim quando ela me entregou o cestinho...”

Embora em plena mocidade e muito afastada da sua querida terra de Covington, Miss Merkel continua a ser a mesma jovem que brincava no seu rincão natal.

Simples, ingênua e sincera, nestas qualidades reside o segredo do seu êxito.

É de uma intuição prodigiosa. Admira os seus amigos pelo que são e não pelas posições que ocupam.

Manifesta assim a sua maneira de ser:

—“Gosto das pessoas leais que me apreciam como sou, e não pelos êxitos da minha carreira artística. Procedendo assim, tenho a certeza de que, tanto nas épocas boas, como nas más, não-de-de lembrar-se agradavelmente de mim. No fim de contas, se pensarmos bem, um amigo verdadeiro e desinteressado é como uma pessoa de família.”

Mas a jovem artista não fala só por

falar, pois há vários exemplos que podem ser demonstrados.

Em face dos seus triunfos e das inúmeras relações a que anda ligada, Miss Merkel não se esquece dos seus conhecimentos de outros tempos. Corresponde-se ainda com uma jovem que conheceu há anos em Covington. E é de tal o grau de amizade que as liga que esta pôs o nome de Una Merkel à primeira filha que teve.

Nunca deixou que a sua popularidade cinematográfica interferisse na sua vida privada. Nos “estúdios,” é a artista Una Merkel, mas na sua vida privada é a jovem simples, encantadora, sempre com um sorriso nos lábios—o tipo, em suma, da pessoa que inspira uma amizade leal.

Quanto tempo durará êste encanto?

Actualmente é constantemente solicitada por todos os directores cinematográficos, podendo dizer-se que é hoje uma das mais disputadas artistas do cinema.

O seu rosto risonho, grácil e franco está espalhado por todo o Mundo, graças à ubiquidade cinematográfica.

Apaixona rapazes românticos—que ainda os há—em todas as partes do Mundo, e indica atitudes às jovens que pretendem ser como ela.

Belo é o pedestal a que esta artista subiu...

Resta saber se ela, em toda a ponderância que patenteia, soube compreender o quanto é efêmera esta vida triunfal.

Dentro em pouco surgirá o inevitável eclipse, se a estrela tão fulgurante, tão atraente e encantadora, desaparecerá para sempre como tantas outras que endoideceram mocidades em flor e enfeitaram príncipes de sangue e milionários pesados a oiro.

O triunfo actual de Una Merkel será tão rápido, tão rápido, que, pelo desgosto que a sua curta passagem há de deixar, mais valeria não ter existido!

Hoje quem se lembrará de Francesca Bertini, a trágica formidável que apaixonou o Mundo?

Que será feito de Lyda Borelli, Pola Negri, e, dentro em pouco, da própria Greta Garbo?

E para Una Merkel ser uma estrela, Greta Garbo foi mais que uma constelação—foi um sol...

O. S.

As estrelas cinematográficas vivem, luzem e morrem depressa.

Neste momento fulgura no céu celulóidico de Hollywood um novo astro que está atraindo enormes simpatias.

Trata-se de Una Merkel que, além de ser uma favorita da tela, é talvez a mais querida nas rodas sociais da colónia cinematográfica.

Miss Merkel nasceu e educou-se na atmosfera hospitaleira de Covington, Estado de Kentucky, e conservou durante a sua carreira artística a mesma sinceridade da meninice.

A jovem ainda se lembra da amizade de vizinho para com vizinho, coisa tão característica no sul dos Estados Unidos. Recorda com prazer das amigas de sua mãe, que se ofereciam espontaneamente para preparar a refeição de qualquer amiga em caso de necessidade. Eram almas genuinamente generosas, que podiam pedir ao vizinho um ovo ou um copo de açúcar, sem sentir que estavam abusando. Nesta atmosfera foi que a jovem aprendeu o verdadeiro significado da palavra amigo, e é por isso que pôde manter ainda os mesmos amigos com quem brincava na sua infância, e rangeu a amizade de inúmeras pessoas desde que entrou para o teatro.

Há dias, num dos intervalos de um filme, relembrou vários episódios da sua

FIGURAS E FACTOS



O sr. Cardial Patriarca com as dirigentes das Juventudes Católicas, cujo curso das dirigentes que funcionava na Quinta do Bosque, da Amadora terminou há dias. Cinquenta raparigas de todas as dioceses do País ali estiveram durante alguns dias a ser instruídas para a sua missão.—A direita: O sr. Presidente da República, sua esposa e o ministro da Educação Nacional inaugurando em Cascais um pósto de puericultura, montado pela Junta da Provincia de Estremadura com a colaboração da Obra das Mães.



Eunice Paula — a nossa ilustre colaboradora — vai publicar um livro de contos em que a beleza do estilo está à altura da verdade histórica. Pelas magníficas páginas que esta talentosa escritora tem publicado na *Ilustração*, se avalia já o alto merecimento da obra anunciada.



Odette Passos de Saint-Maurice, uma jovem talentosa que os nossos leitores já conhecem, reuniu os seus pequenos contos num gracioso volume que intitulou *O canto da mocidade*. Pode dizer-se que se trata duma auspiciosíssima estreia literária.



Alma — é o título do livro de sonetos que a sr.ª D. Albertina Sagner acaba de publicar. Todos sabem que, se fazer versos é difícil, construir um soneto é difficilimo. Pois a nova poetisa patenteia, com grande eloquência, uma inspiração digna de nota.



Mais um livro da ilustre escritora Alice Ogando. Chama-se *O meu sonho de papel* — e é um romance adorável. Embora possuindo um belo guarda-roupa, Alice Ogando tem mais livros publicados do que vestidos — e todos de um corte literário irreprensível, elegante, atraente, belo, em suma. Estamos em presença de uma das mais fecundas escritoras portuguesas, cujas obras conquistaram a mais franca simpatia dos seus leitores.



Assistência à sessão inaugural da Casa dos Pescadores de Cascais com a presença do Chefe do Estado, ministro da Marinha, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social e outras entidades oficiais — Em cima: o Chefe do Estado presidindo à sessão



Na competição feminina europeia, a alemã Dora Ratjen saltou em altura 1m,70, novo recorde mundial; duas semanas seguintes, anunciou a Federação alemã a sua desclassificação por se haver verificado engano... no sexo

os recursos actuais ou, pelo menos, dificilmente ultrapassável.

Pois em 15 de Setembro, John Cobb, ao primeiro ensaio oficial com o seu "Napier-Rafale", rolava o quilómetro nos dois sentidos à razão de 563 km/471 por hora, ou seja uma velocidade de 157 metros por segundo.

O mundo inteiro recebeu a notícia com pasmo, e os diários desportivos comentaram-na como acontecimento sensacional, sujeito a futuros assaltos de concorrentes audaciosos mas marcando data na história do automobilismo desportivo.

Pois, contra toda a expectativa, Cobb foi o homem mais rápido do mundo em deslocação terrestre apenas durante vinte e quatro horas; no dia seguinte ao seu ensaio vitorioso, Georges Eyston, o rival desafiado do "recorde", voltava à mesma pista e atingia 575 km/570 à hora, 160 metros por segundo, o percurso Lisboa-

-Pôrto em 36 minutos e meio!

Completando a série, um outro doido da velocidade, sir Malcolm Campbell, que precedeu Eyston na lista dos "recorridos" automobilistas, elevava no dia imediato o máximo mundial da velocidade em barco automóvel para 210 km/780 à hora.

Assim, em três dias consecutivos se realizaram no mundo percursos em aparelhos mecânicos de transporte que excederam em rapidez tudo quanto anteriormente havia sido conseguido na terra e na água, aproximando apreciavelmente os limites alcançados no ar.

Recordemos que o aparelho mais veloz construído pelo homem foi, até agora, o hidro-avião italiano de Agello, que atingiu 709 km/209 horários, ao passo que a velocidade em avião de descolagem terrestre não ultrapassou ainda 634,320 q. h.; para completar a lista dos "recorridos" mecânicos de velocidade acrescentaremos que o alemão Hermé rolou na sua motocicleta a 279,503 q. h.

A QUINZENA DESPORTIVA

Para avaliar, finalmente, a marcha progressiva e comparada das velocidades em avião e automóvel, note-se que em 1906 os "recorridos" respectivos de velocidade eram de 41,292 e 195,652 q. h., portanto com nítida vantagem para o aparelho terrestre; em 1913 o avião alcançava 203,850 e o automóvel 211,264 q. h., igualando-se praticamente, nos oito anos mais tarde já a diferença era de 313 para os mesmos 211, a favor da máquina aérea.

Em 1924 a velocidade do avião era quase dupla do automóvel, 448 q. h. e 235 q. h., mas a partir dessa época os progressos do segundo tem sido consideravelmente superiores ao do primeiro, que o hidro-avião destronou do posto da vanguarda, e supõem os técnicos não ser impossível que em futuro próximo a máquina terrestre volte a adiantar-se à máquina voadora.

Faleceu em Estocolmo há quase cem anos o famoso Per Henrik Ling, autor do livro "Fundamentos gerais da ginástica", primeira pedra lançada nas bases do mais importante método de educação física educativa conhecido no universo.

Embora seja profunda a evolução sofrida pelos preceitos do método, é inegável que o homem a quem coube a honra de ser o primeiro director do Instituto Real Sueco de Ginástica, conserva com todo o seu folgor a glória de haver traçado as primeiras directrizes, o prestígio simbólico do espírito fulgurante donde partiu a luz da verdade inicial.

Comemorando a passagem deste primeiro século sobre o desaparecimento de Ling, está em organização no seu país uma série de festas com carácter internacional, cuja data inaugural foi fixada no dia 20 de Julho de 1939 e de cujo programa fazem parte um certame mundial de ginástica, um congresso internacional e um acampamento também aberto à participação de todos os países.

A QUINZENA DESPORTIVA

Os festivais ginásticos tem por objectivo mostrar, por intermédio de larga representação estrangeira, a importância e o desenvolvimento tomados pela ginástica de Ling além das fronteiras da Suécia e, simultaneamente, pela apresentação de determinado número de classes suecas variadas, fornecer aos assistentes ideia perfeita da evolução da ginástica escolar, de escol e de movimento no país escandinavo.

De todas as iniciativas previstas, a mais original é contudo a do acampamento ginástico, para o qual foi já escolhido local numa floresta a cerca de cem quilómetros ao sul de Estocolmo.

A capacidade prevista admite a instalação de oitocentos ginastas e dirigentes, e o seu objectivo é proporcionar aos participantes em reunião amistosa, ocasião para estudarem mais de perto e experimentar pessoalmente as diversas escolas de ginástica emanadas do método, cuja demonstração tenha sido apresentada durante as festas, o congresso ou no próprio acampamento.

Tudo faz prever que os festejos comemorativos do 1.º Centenário de Ling constituam acontecimento sensacional tanto pela grandiosidade como pelo interesse; não seria vantajosa a presença de delegados oficiais portugueses nas suas diversas secções?

Ninguém responderia em contrário, e essa viagem seria o prémio justíssimo a conferir àqueles que, pelo seu estudo e trabalho esforçado, procuram resolver os árduos problemas da educação física nacional, valendo ao mesmo tempo para propaganda junto das outras nações concorrentes do valor dos metodólogos e técnicos portugueses numa ciência que não conseguiu ainda a consagração absoluta nos regulamentos ministeriais.

Por iniciativa do jornal *Os Sports* foi organizada em Lisboa uma série de fes-

tivais hípicas, cujos programas variados e complexos constituiram novidade no meio ao qual serviram de excelente propaganda animadora.

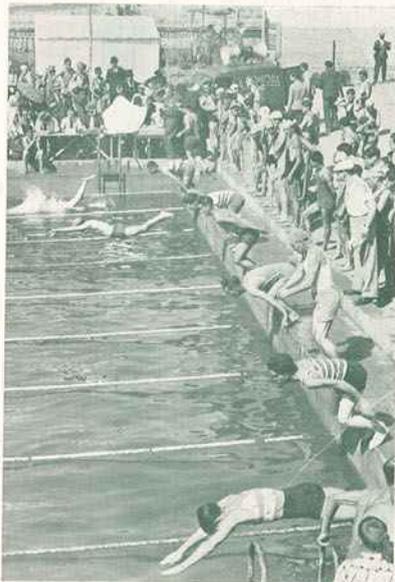
O hipismo de obstáculos é dos desportos com mais elevadas tradições entre nós, dos poucos em que podemos sem vaidade reconhecer-nos classe internacional, e as corridas de cavalos embora menos divulgadas representam espectáculo emocionante, com todos os requisitos necessários para conquistar rápida popularidade. Uma organização que reúne ambas as modalidades, pareceria, em previsão, destinada a êxito absoluto.

Temos infelizmente que reconhecer que assim não foi, apesar da colaboração espontânea e entusiástica de todos os cavaleiros que marcam pelo seu valor no hipismo desportivo nacional; o público não correspondeu aos propósitos dos organizadores, e as provas decorreram quasi todos os dias ante tribunas desoladoramente desertificadas de espectadores.

Afinal, os ausentes deverão arrepende-se da sua indiferença; o nível desportivo das competições foi sempre notável e os programas elaborados com felicíssimo critério permitiram constante variedade e proporcionaram aos participantes ocasiões para brilharem pela sua competência, arrôjo ou habilidade.

É para desejar que o jornal promotor se não deixe vencer pelo sacrifício sofrido nesta primeira tentativa de estímulo ao desporto hípico; a época escolhida influiu talvez na escassez de assistência, pois o público habitual dos concursos, que não é o mesmo do futebol, não regressou ainda na maioria das veligiaturas estivais.

Persistindo, em ocasião mais asada, é provável achar compensação ao desaire material de agora, além de que só pela



Na piscina de Albandra, mais de seiscentos nadadores participaram nos provas do "Dia da Nataçao", seguindo assim a crescente expansão deste útil desporto

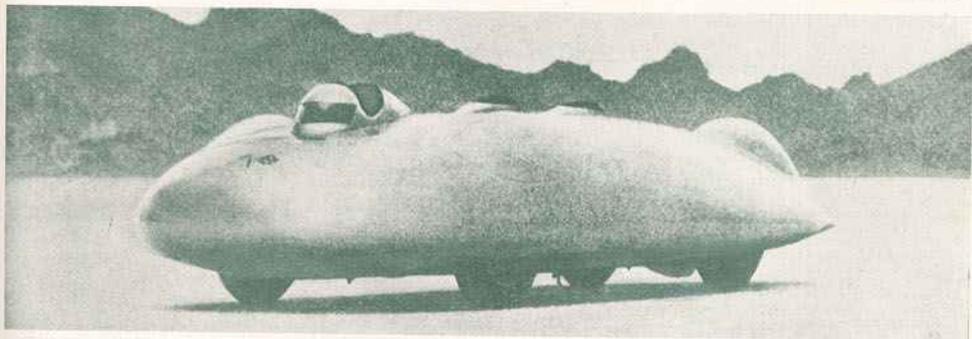
persistência se consegue vencer o desinteresse popular, gerado em regra no desconhecimento dum espectáculo que raramente é apresentado.

A divulgação do maior número de modalidades desportivas será sempre factor vantajoso de propaganda do desporto em geral, contribuindo simultaneamente para a moderação de paixões perigosas, disseminando preferências e alargando campos de prática. Engana-se quem suponha que o hipismo é desporto cavalos e não de homens; as qualidades morais e físicas que requer nos cavaleiros classifica-o entre os melhores exercícios educadores.

SALAZAR CARREIRA.



Nem lago da Suíça, o Inglês, Malcolm Campbell, melhorou o máximo da velocidade em barco automóvel, atingindo 210 km. à hora



O automóvel no qual John Cobb ultrapassou os 530 km. de velocidade horária, lançado em marcha vertiginosa na pista do Lago Salgado

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Símbolos da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorre; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 15

(11.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (21 pontos)

Siulno, Rosa Negra, Sol de Inverno, Agásio, M. A. P. M., Sevla, F. J. Courelas e Almaviso

OUTROS DECIFRADORES

Infante, Ramon Lágrimas, Matina, Calaveras — 19. Ti-Beado, Dama Negra, Pimpas, D. O. X. e Larabastro — 18. Mirna, Dóris I, Jónio e J. Tavares — 16. Barão Y, Tarata, Visconde X e Pansófilo — 13. Eleutério — 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Agradecimento. 2 — Casação. 3 — Paração. 4 — Lu(r)ido. 5 — Povo. 6 — Ga(ro)to. 7 — Ma(tu)to. 8 — Har(mos)ta. 9 — Li(gei)ro. 10 — Vi(do)inha. 11 — Ta(la)ca. 12 — Fer(vi)os. 13 — Bo(fi)a. 14 — A(pa)ge. 15 — Ro(di)inha. 16 — Mi(ni)mo. 17 — Ro(ba)lo. 18 — Constório. 19 — Prôpriamente. 20 — Mascabo. 21 — Horta com pomal é paraíso terreal.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DO C. I. P.

Realizando-se no próximo dia 22, pelas 21 horas, na sede da Tertúlia Edípica, a conferição dos prémios referentes ao grande Concurso Charadístico, que aquela associação levou a efeito no presente ano, pede-nos o seu distinto organizador que, por intermédio desta secção, façamos convite a todos os charadistas que ali queiram comparecer naquela data.

GRUPO CHARADÍSTICO «OS X»

Acaba de ser fundado este importante grupo charadístico formado por entidades de reconhecido mérito, no meio charadístico. A sua direcção é composta pelos seguintes elementos: Presidente, «Rei Viola»; Tesoureiro, «Dropê»; Secretário, «Pescarias». Desejamos ao novo grupo as maiores prosperidades e longa vida.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Emboçado em negra *capa* — 2-7-4-3-9
Segue um peralta sôzinho
P'ra namorar á socapa
A filha do Brás Coutinho.

Ele, enfim, bem se *disfarça* — 8-9-3-6-1
P'ra não se saber quem é,
Introduzindo-se na sarça
Que fica ali mesmo ao pé!...

Se soubesse a *armadilha* — 1-6-9-4-5
Que o Coutinho lhe prepara
Quando falar com a filha!...
— Mas tal p'riço não encara.

Toma cuidado *janota*
Não caias na esparrela...
Apanhas uma derrota
Que não te ajudas a ela.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 24

CHARADAS ANTIGAS

2) Pobre de ti, vaidade, a que andas tão sujeita!
Se uma ilusão se forma outra, enfim, é desfeita
No fragor imbecil da mísera impostura.

Em cada instante, *pois*, a Luz crê na vitória — 1
Inegalável, ante o reino da vanglória,
E soberba, eternal, no riso da ventura.

O sceptro magestoso e altivo do teu mundo
Ostenta a rigidez dum método fecundo
Que não se curva mais à crença da verdade.

E afoga-se a razão no pélagos, no abismo,
Da incerteza, do mito insano e do cinismo — 2
— O raciocínio vão da *triste* humanidade.

Mas o tempo, senhor de todos os arcanos,
Na sua marcha firme, através de alguns anos,
Desfaz severamente a névoa da loucura...

Pobre de ti, vaidade, a que andas tão sujeita!
Se uma ilusão se forma outra, enfim, é desfeita
No fragor imbecil da mísera impostura.

Lisboa *Barão Y*

3) A *vantagem* de saber — 1
Lançar a tempo um olhar,
Consegue sempre vencer
Um coração para amar,

Dizia com evidentes
Mentiras um D. João
Que servia ainda quentes
Fatias de coração

Pelas ruas e esquinas,
Na certeza de encontrar
Uma dúzia de meninas
Para logo conquistar... — 1

Presunção e água benta,
Cada qual toma a que quer...
Quando em casa nada tenta...
Pois quem manda é a mulher...

Coimbra *João Tavares*

10) ENIGMA FIGURADO



Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SINCOPADA

4) Quem me dera, dera, dera,
Estar sempre a dar, a dar,
Muitos beijos na Severa
Sem nunca mais acabar.

Um beijo é consolação
Que nos faz enebriar,
É quem dá, dá um milhão,
A questão é começar. — 3-2

Leiria *Magnate*

ENIGMA

5) Em tom altivo e arrojado
Diz a Lena ao namorado,
Rapaz de pouco dinheiro:

— Para casares comigo
Repara bem no que digo,
Vais fazer isto *primeiro*:

Junta a maquia que tens,
Depois hipotecar vais
A bela propriedade
Que herdaste cá na cidade,
Pois nunca será de mais.

Èle então *perde* a cabeça...
Hipotecar?... Vou depressa
P'ra te agradar meu amor!...

Os seus bens hipotecou
E muita massa cobrou
Das mãos do *recebedor*.

Lisboa *Siulno (T. E.)*

6) Eu bem sei que não há-de cá voltar!...
Foi tudo uma ilusão que tu mataste;
Eu venho, onde tu sabes, p'ra encontrar
Só luto, nesse ninho que deixaste.

'Té o *céu*, *depois*, é triste a lembrar
O nosso amor, por ti já esquecido...
Fico a ouvir, co'o peito a palpar,
Os ecos dêsse beijo comovido!

Mas gosto tanto de 'inda vir aqui
Porque ouço tudo a perguntar por ti...
Estas estrélas que jamais verás.

Recordam este afecto, meigamente;
Preguntam por ti tão saudosamente...
E eu sem poder *dizer* que voltarás.

Lisboa *Rosa Negra*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

7) Com tanto *estilo* deste o *saltô* que nem parecias um *coso*. 1-2.

Lisboa *Rás Ferjobatos (Abexius)*

8) O *coração* manifesta *vontades* *difíceis* de *resolver*. 1-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

9) *Desde* há muito que acabou a minha *fortuna*. Hoje a *desgraça* persegue-me. 1-2.
Vila Serpa Pinto *Dr. Sicasca (T. E. e L. A. C.)*

10) Tive hoje boa *ocasião* de trabalhar, porque consegui iludir um *mercador árabe*. 2-1.

Luanda *Ti-Beado*

SINCOPADAS

11) A *maconaria* deixou de ser *forte*. 3-2.

Lisboa *Agasio*

12) Passarei nesta *casa* o resto da *existência*. 3-2.

Lisboa *Mirna*

13) Um *navio* de guerra *sulca* direito. 3-2.

Luanda *Zé da Fira (L. A. C.)*

14) O pavão que no deserto *grita* por socorro não *melhora* a situação. 3-2.

Lisboa *Pescarias (T. E. e Os X)*

(Ao distinto *confrade* Ti-Beado)

15) As *molduras* *sobrepostas* foram roubadas pela *súcia* de bandidos? 3-2.

V. Serpa Pinto *Dr. Sicasca (T. E. e L. A. C.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

TODA a criatura humana pensa, sonha e deseja a felicidade, mas ninguém sabe o que é a verdadeira felicidade, e, completamente feliz, há muito quem diga que se não pode ser, e, assim é talvez.

O homem tem um ideal de felicidade que varia segundo o seu temperamento e modo de pensar, mas que em geral tem como base a sua supremacia.

Não poderá ser feliz sem mandar em alguém ou alguma coisa, e, raro é aquele que faz da vida tranquila e serena a sua felicidade.

A mulher antigamente fazia constituir a sua felicidade em amar, ser amada, construir um lar, ter filhos, a quem dedicar todos os seus excessos de ternura, toda a dedicação que nela existe como natural ornamento, e ser feliz, era para ela ver felizes e alegres, aqueles que ela amava e que eram todo o fim da sua vida de dedicação e amor.

Mas vieram novas ideias e pouco a pouco, a mulher convenceu-se de que a sua felicidade não estava no lar, não consistia no amor, não era na maternidade que a encontraria.

Teorias destrutivas, destas que lançam a confusão nas almas e o alvoroço nos corações, começaram a ser espalhadas pelo mundo e a mulher que era acarinhada, a quem se poupavam os maiores esforços, que era respeitada dentro do seu lar, e, que era considerada fora d'ele, começou a acreditar, que era tiranizada, que era infeliz e que o ideal era viver uma vida como o homem a vivia, e, que só tendo direitos iguais aos que ele goza é que poderia ser feliz.

Começou a luta pela independência feminina, cresceu em furor, houve combates corpo a corpo nas ruas de Londres, insultos, gastaram-se resmas de papel e litros de tinta contra e a favor do feminismo, artigos apaixonados de parte a parte, por todo o mundo, mas veio a Grande Guerra e a necessidade de utilizar o trabalho feminino tornou o feminismo um facto, que novas leis vieram sancionar.

A mulher viu abertas diante de si quasi todas as carreiras, na vida oficial começou a ter um lugar marcado e pouco a pouco a invadir o terreno até ali pertencente ao homem.

Na vida de sociedade começou a ter uma grande liberdade, a sair só a toda a hora, a frequentar divertimentos sem o marido e os filhos, o que até então se não vira, a ter uma independência, que assustaria e talvez com razão as suas avós.

Nesta vida livre encontrou a mulher a felicidade completa? Não, não a encontrou e pro-

curou-a refazendo a sua vida, apoiando-se nas leis que ela supunha serem em seu favor, mas que redundaram naturalmente, em favor do homem, menos afectuoso e mais apto portanto a gozar a liberdade sem peias que a lei lhe facilitava.

A mulher supoz que na lei do divórcio que lhe dava o direito de procurar a felicidade refazendo a sua vida tinha encontrado o remédio máximo o elixir da felicidade.

E livre de não aturar as pequenas contrariedades de que não estava isenta das suas antecessoras na vida, que se consideravam felizes, e, que o eram, porque basta pensar-se que se é feliz para já o ser um pouco, tratou de cortar o nó santo do matrimónio e procurar em nova união a almejada felicidade.

Mas não contou a mulher que tinha coração, — algumas há que o não têm, mas não são para essas, estas palavras, essas são felizes através de tudo — é que se não cortam com a mesma facilidade os direitos naturais da família, com que se fazem leis.

Tendo de dividir os filhos com o primeiro marido embora no segundo encontrassem a sonhada dedicação, o curvar-se completamente à sua vontade, o gozar essa liberdade sem peias, sente fatalmente as saudades dos filhos que lhe estão longe e começam as lutas entre os que têm consigo e o homem que de novo escolheu, e, que será sempre para os filhos o inimigo, que tomou no coração da mãe, o lugar do seu pai.

E a felicidade sonhada pela qual se sofrera e tanto se combatera voa pela janela como quimera alada, que é, e que nunca poderá tornar-se em sólida e segura alegria, porque violou os direitos dos filhos à felicidade própria deles.

A mulher que assim procede não é feliz nem pode sê-lo.

Aquela que procura a felicidade numa vida de independência, trabalhando, ganhando a sua vida, expandindo a sua inteligência, sem prisões nem laços, independentemente monetariamente, senão tiver família própria, também não será feliz porque a mulher nunca poderá encontrar a felicidade na aridez do orgulho satisfeito, da vaidade afogada, do triunfo material.

A mulher só é feliz pelo sentimento, que pode ser o amor ao marido, aos filhos, aos irmãos, aos sobrinhos, mas amor familiar, que as independentes que se não querem afeiçoar a ninguém, acabam por dedicar-se ao cão.

Essa mulher que na sociedade moderna tanto se vê, não é também feliz, nem pode sê-lo, porque nunca a felicidade da mulher se pode basear no egoísmo.



A mulher só pode encontrar a felicidade naquilo para que nasceu, para que Deus a criou e para que a sua alma foi feita, a mulher só na família é feliz, amando os seus, sacrificando-se por eles, subordinando as suas alegrias a um conjunto que se torna feliz, porque é unido pelos sagrados laços da família.

A mulher é feliz no lar que funda, quando baseado em afeição e respeito mútuo, feliz na sua casa que ela embeleza, que ela torna agradável e indispensável ao marido, que quando entra em casa do seu trabalho, encontra a espera-lo um servido chá, que a mulher lhe oferece sorrindo, não se sentindo rebaixada nem escrava por ter ela feito com as suas mãos os bôlos, que lhe apresenta.

E' fazendo serenamente o seu dever dentro de casa, economizando, administrando, tornando felizes e sorridentes os seus, que a mulher encontra a felicidade, a sua, e, a dos seus filhos, do marido e de todos.

Não é, transgredindo tôdas as leis naturais, que se é feliz, as leis dos homens tentam remediar os grandes males de que sofre a humanidade, mas raramente o conseguem fazer.

A alma da mulher, naturalmente suave e doce, não pode de forma alguma ser feliz na luta, tem de o ser dentro da atmosfera suave e forte do carinho da família, do amor aos seus.

E a felicidade podem acredita-lo, as senhoras que me lêem, não é feita só de dias alegres e de festas felizes, é também feita d'esses pequeninos sacrifícios que custam um pouco a fazer, mas que depois, ao ver que contribuem para a alegria de todos e para o bem-estar da família, dão essa alegria íntima do dever cumprido, que nada pode igualar e que é sem dúvida a perfeita felicidade.

A mulher não deve nunca procurar a felicidade na vida ruidosa, nos grandes triunfos da arte ou da ciência, da política ou da publicidade. As mulheres célebres têm apenas as alegrias da vaidade satisfeita, do orgulho afogado, efémeras alegrias, que passam sem deixar um rasto de ternura, apenas alegria feita de soberba.

A mulher encontra alegria nessa traquilha vida do lar, nessa vida feita de sacrifícios de todos os dias, sempre compensados pela afeição segura e firme do marido e pela ternura exigente dos filhos, para quem a mãe é tudo, que lhes torna a vida agradável, que é a sua educadora, o seu amparo moral.

A vida familiar é o meio onde a mulher melhor desenvolve tôdas as suas qualidades, e muitas são elas, e, é certamente nessa vida bem feminina, bem própria do seu coração e da sua delicadeza, que a mulher encontra a verdadeira felicidade, sólida, pura, a felicidade que só da ternura dos seus, no sossêgo do seu lar, na paz da sua consciência, uma mulher que o saiba ser, poderá afirmar sem mentir: Sou feliz.

MARIA DE EÇA.





Hoje a mulher tem uma desigualdade preparada, quasi todas as raparigas têm o seu curso, a mulher está habituada à máxima liberdade, tem a vontade de quem sabe o que quer, e de quem está no costume de fazer o que deseja. Desoartista, ela guia um automóvel e até um avião, portanto, tem a preparação material completa que o infortunio da guerra exigia.

Mas terá ela o espirito de sacrificio, a dedicacão que nasce do mais latino da alma e que leva a tudo fazer com boa vontade? O egoismo era que tem vivido, a nova geracão atepando a tudo o seu eu, habituada a diversões continuas, a considerar o mundo um palco em que a sua personalidade tem o principal papel, a viver a sua vida sem se preocupar com o próximo, numa perigosa liberdade, sem se dominar a uma disciplina, desfundando a vida do máximo conforto e do menor esforço, terá a mocidade de hoje a coragem do sacrificio?

Oxalá nunca o saibamos, permita Deus que a navegadora se afaste no céu da Europa, como essas negras nuvens de trovoadas que não chegam a rebentar, mas que as mulheres de hoje pensam a sério no terrível momento que atravessamos, na ameaça que continuamente zumba à nossa volta como impotente névoa e que desde já se prepare para a vida de sacrificio que talvez a espere.

Dança-se sobre um vulcão, mas dança-se sempre. O trovão está sobre as nossas cabeças, a terra estala e treme sob os nossos pés, mas a vida continua em fútilidades, a mulher preocupa-se acima de tudo com a sua pessoa, adorna-se, divertirse, gozar a vida em toda a sua plenitude, eis o desejo da maioria.

E a vida exige a todas a sua parte de sacrificios, de heroísmo, e não é nos momentos de perigo mais grave, que se é mais heroica, quando se é mulher, é na preparacão séria para a vida de todos os dias, para os pequenos sacrificios, para as contrariedadeszinhos de todas horas.

E emfim na força de alma que tornou tão heroicas as mulheres de há vinte annos, que na retaguarda igualaram em valor, os homens, que na frente combatiam.

É necessário, pois, que a mulher de hoje, pense a sério nos sacrificios, na renuncia, que a vida talvez amanhã lhe exija.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Com as primeiras chuvas e os primeiros nevoeiros desta época, éste ano um pouco precoce, entre nós, mais costumados nos países



PÁGINA SFEMININAS

que nos mandam a moda, appareceram as primeiras modas de inverno?

Ultimamente no principio do inverno antes de chegarem os grandes e verdadeiros frios, havia sempre a mesma pergunta: «Usar-se-hão éste ano as peles?». E havia quem affirmasse que sim e também quem dissesse que não.

Naturalmente quando o frio apertava, as peles que são o verdadeiro agasalho faziam a sua applicação e todos concordavam que as peles estavam na moda.

Este ano não haverá essa hesitação porque nas primeiras modas deste inverno appareceram logo as peles.

A moda modifica éste ano por completo a silhueta da mulher e resurge a figura feminina de 1900.

Cinturas marcadas e delgadas, penteados no alto da cabeça, casacos justos, boferos, fitas, flores e plumas, resuscitam essa época lá distante.

A mulher moderna está pelo menos na encadernação um pouco antiga e não recebe os cabellos compridos, nem as femininas modas do principio do século.

Damos hoje alguma interessantes modelos de principio de inverno.

Para de manhã podendo ser usado mais para diante, dentro dos casacos de abafio temos um bonito vestido em malha grossa num lindo tom castanho avermelhado uma das cores mais em favor éste ano.

A frente da saia é toda empregueada o corpo tem como guarnição uns metidos em malha fantasia, que são do melhor efeito. Aperta no pescoço com uma laçada da mesma lá. Um cinto em couro do mesmo tom, com uma fivela dourada marca a cintura.

Um feltro castanho guarnecido a veludo castanho e «tuchato» dourado completa o gracioso conjunto.

Para a tarde apparecem as peles e damos dois lindos modelos. Vestido em fazenda grossa cinzenta, apenas guarnecida com pérgas «linjeira» fazendo feitos, cinto largo em veludo «bleu roi».

Sobre o vestido bolero da mesma fazenda guarnecido a raposa «argentée». A guarnição em volta do bolero desce pelas mangas formando punho, as mangas têm a originalidade de serem apenas até um pouco abaixo do cotovelo, o que não é

talvez muito confortável. Chapéu em feltro cinzento guarnecido com um véu. Acompanha-o uma graciosa e rica «toilette» vestido em fazenda «beige» muito simples, sobre o vestido «blouse» em pele do mais bello efeito. Em «vison» tallado com a maior elegância tem umas tufadas mangas do mais elegante. A aba é rodada, um cinto em metal dourado ajusta-o na cintura. Acompanha o um delicioso regalo na mesma pele. O regalo vai estar muito em favor éste ano, o que é natural porque se liga com a linha adoptada pela moda deste inverno.

Um gracioso chapéu em feltro castanho com duas grandes penas atravessadas na copa.

Como abafio um simples e elegante casaco em lontra preta. A lontra é sempre a pele preferida para éste género de casacos porque fica terna e todas as senhoras e é leve e elegante. O casaco é «trois-quart» e usado com uma bonita «charpe» em veludo cristal cor de esmeralda.

O chapéu pequenino é em feltro preto.

Como chapéu temos um lindo modelo em veludo preto guarnecido com um elegantissimo laço em fita de setim rosa velho. E o modelo que melhor vai com o novo penteado dos cabellos levantados na nuca tén em favor em Paris.

Os vestidos de manhã, em casa, também viram grande modificação damos hoje dois modelos que fariam boa figura num guarda-vestidos ha quarenta annos.

O da direita é em brocado. Justo no corpo formando gola e bandas, tem a manga de presunto até ao cotovelo. E o modelo indicado ás noivas. Na cintura aperta com uma larga fita em setim cor de ouro.

O outro é feito num tecido de riscas de «lamé» prata velha e setim cinzento. Completamente justo ao corpo, aperta do pescoço até abaixo com grandes botões feitos no mesmo tecido, na parte das riscas, de setim as mangas curtas são tufadas e é todo guarnecido em volta e nos ca-

lhos com um folhinho franziado em renda fina preta, a renda valenciana presta-se muito para isto, dando-lhe um estilo antiquado que contribue para lhe dar graça e novidade.

AS MÃOS

As finas e delicadas mãos femininas tão cuidadas e tratadas em poucos dias têm a sua fisionomia muito particular, e, são muitas vezes as divulgadoras do carácter.

Para os conhecedores das chamadas ciências occultas, na palma da mão está escrito o destino, mas pela forma da mão e dos dedos reconhecem também o carácter; as mãos moles, de dedos curtos de unhas chatas são indicio de indecisão, de vaguidão de pensamentos, de falta de iniciativa.

As mãos largas e fortes de dedos grossos e longos são sinal de energia, de força de vontade e quando demasiadamente accentuadas dum pouco de brutalidade. As mãos longas e esbeltas, de dedos compridos e finos muito separados entre si, denotam um temperamento artistico.

Isto é o que dizem aqueles que supõem entender de occultismo, mas o que é bem verdadeiro é que ha mãos simpáticas e mãos antipáticas, mãos bonitas e mãos feias, mãos que inspiram



sável para a vida quotidiana, seria considerado pelos nossos antepassados de grande luxo.

Está nestes casos o uso do garfo, sem o qual não podemos comer e que nos é absolutamente indispensavel.

Luis XIV, Henriqueta de Inglaterra, M.^{me} de Levisné, M.^{me} de La Vallière, M.^{me} de Montespan, comiam com os dedos. E a princeza de Condé que era considerada requintada nos seus usos, comia com as mãos!

A introdução do garfo, data do século xvii, se demos crédito ao «Tratado de Civildade Francesa» apparecido, em 1763, que recomendava de cortar a carne no prato particular e levá-lo á boca com o garfo.

Ana de Austria, a mãe do Rei Sol, metia tranquilamente as mãos no molho das ignarías, como conta o chanceler de Lezquier e tantos outros.

Consolm-se com êses illustres exemplos, as pensos mais educadas, que não sabem estar á mesa e que hoje não comem á mão, mas comem com a faca.

DE MULHER PARA MULHER

confiança, que sentimos francas e sinceras, num simples aperto de mão, e mãos esquivas que denotam retraimento ou falsidade, mãos que não atraem e antes causam uma certa repulsa.

Estes sentimentos que as mãos nos inspiram devem reletir um pouco o que sentimos ao deffrontar com uma cara que nos é antipática e devem ter a sua origem na divulgação dos caracteres pelas mãos.

A mulher de hoje trata com o maior carinho as suas mãos. Lava-as com pastas de amêndoa para as branquear e amaciar, massaja-as, trata das unhas, cortadas longas, elas parecem pequenas garas de feltro, o que lhes dá talvez um perverso encanto, o encanto das coisas perigosas. Mas no seu delírio de se embebezar a mulher moderna torna aggressivas as suas mãos, com a pintura das unhas.

Nada é mais desconsolador para os apreciadores duma linda mão, do que essas detestaveis unhas vermelhas, que tornam as mãos repelentes.

Nada mais bonito do que umas mãos bem tratadas com umas roseas unhas bem polidas, que pareçam conchinhas que o mar traz á praia, ornadas por um bonito anel, elas atraem e chamam a atenção. São essas as lindas mãos femininas que embora nada divulguem do segredo dum destino ou dum carácter, espalham beleza na distincção dos seus gestos.

ÉPOCAS PASSADAS

A vida modifica-se continuamente, os hábitos mudam e o que nos parece a nós a coisa mais simples deste mundo e de mais indispensavel para a vida quotidiana, seria considerado pelos nossos antepassados de grande luxo.

Inquieta: Nesta época tão agitada é difficil profetisar sobre esse assunto. Esperamos tranquilamente que a paz se manterá e não começará a trabalhar com a fantasia, o que será que acontece e, quem é que vai para a guerra. É preciso muita calma e serenidade.

Mãe tern: Não se affija por emquanto, ha crianças que só depois dos dois annos falam e visto a pequenita dizer algumas palavras, não é muda. Conheci uma criança nessas condições, que se fazia comprehender perfeitamente, começou a falar bem aos três annos e hoje é normalissima. Um bonito casaco do abafio é o bastante.

Elvira: Não sei bem quão são os hábitos dessa cidade, mas sejam quais forem, deve em tudo seguir-se, se quer agradar á sociedade local, embora lhe pareçam estranhos.

Dá sempre mal effeito numa terra de provincia a senhora que ida da capital intenta modificar usos e costumes. Se deseja como parece, ter convivência, conforme-se com os hábitos da terra.

PENSAMENTOS

O homem que foi bom filho, será bom marido e melhor pai.

Amar o próximo é fácil, mas o que é mais difficil é saber fazer-se amar por êle.

A vida é uma estrada direita, cuidado com os atalhos, que levam em geral devesa, para a desgraça.

PIRÂMIDE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A.
Copas — R. 3, 2
Ouros — V.
Paus — 2

Espadas — D. V. 10 **N** Espadas — — — —
Copas — D. **O E** Copas — 10, 9, 8
Ouros — D. **S** Ouros — A. R. 3
Paus — A. **S** Paus — — — —

Espadas — R. 3, 2
Copas — A. V.
Ouros — 2
Paus — — — —

Sem trunfo. **S** joga e faz 5 vasas.

(Solução do número anterior)

S — A. e, **N** — D. e.
S — 2 e, **N** — A. e.
N — 2 p, **S** — 2 o, **O** — D. p.
Se **O** joga paus, **S** corta.
S — 2 e, **O** e **E** não podem evitar que **N** faça 2 cartas de ouros ou **S** o 3 e.
Se em vez de paus **O** joga 10 o, **S** faz A. o e de duas trunfadas cumpre.

Em menos dum minuto

(Problema)

Eis aqui oito algarismos:

2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Queiram, à primeira vista, fazer duas somas com quatro algarismos destes em cada uma (mas não usando nenhum algarismo mais do que uma vez), de modo que as duas somas dêem resultados iguais.

Isto com a maior rapidês, em menos dum minuto, repetimos, pois de vagar não tem valor nenhum.

No Mar Negro as águas têm 26 por 1 000 de de sal comum. Esta grande densidade não permite nadar aos cavalos, que, como se sabe, quando caem à água se conservam nadando largo tempo: ali, o peso da parte superior do corpo que não pode mergulhar, volta logo o cavalo com as patas para cima. Também um homem que se ponha em posição vertical não mergulha mais do que até à cintura.

Em muitas regiões da Ásia, há seitas filosóficas que têm a carne como um alimento impuro. Os índios proibem o uso de carne de aves carnívoras e de peixe sem escamas. Os egípcios não comem carne de porco, de vaca e de cabra. Moisés proibiu o uso de carne de quadrúpedes que não tivessem o casco fendido.

Qual o país da Europa em que mais se lê?

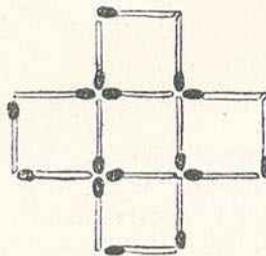
À frente desta lista deve caber o lugar à Alemanha, com 160 bibliotecas e 30 milhões de livros; em seguida, virá a França, com 111 bibliotecas 19.800.000 livros. A Inglaterra ocupará o terceiro lugar com uma centena de bibliotecas e 17 milhões de volumes.

A origem dos mapas

Na antiga civilização egípcia já existiam os mapas. Eram tábuas de madeira, onde terras e mares, estradas e rios eram cuidadosamente desenhados. A história desses mapas não é somente fornecida pelos velhos papiros dos egípcios, mas descobriram também mapas como os actuais. Houve quem atribuisse aos grêgos a arte cartográfica, mas está mais que provado que os egípcios e babilônios os precederam nesse sentido.

Sempre os fósforos

(Solução)



Eis os cinco quadrados que se haviam de formar.

As pequeninas Dionne

Estas cinco gémeas universalmente conhecidas, são muitas vezes avaras de palavras, mas isso é devido à grande harmonia de compreensão que existe entre elas, a tal ponto que julgam supérfluo, falar muito. Por meio dum código secreto de abreviaturas que lhes é peculiar exprimem uma quantidade de idéas. Comunicam freqüentemente, umas com as outras servindo-se apenas de gestos das mãos.

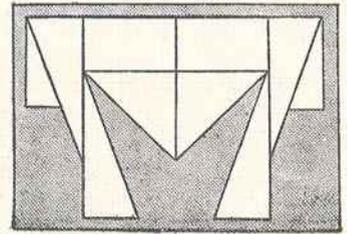
Ainda no Natal do ano passado, manifestaram a sua perspicácia e vivacidade de inteligência, quando o doutor Dafoë se mascarara de Pai Natal, para as divertir.

Aquêle puzera uma grande barba branca, uma cabeleira e um fato vermelho e, para dar uma ilusão mais perfeita, tocavam sinos lá fóra. De repente entrou a passos largos o velho Natal com o seu saco de brinquêdos ao ombro, fazendo assim a sua aparição junto das cinco pequenitas.

Instantaneamente estas reconheceram-no, através do disfarce e numa só voz exclamaram: «É o Doutor».

Não durara muito a ilusão!

Paciência geométrica



Decalcar este desenho, colá-lo sobre cartão fino, recortar as diversas figuras, de que êle se compõe e formar, com elas um quadrado.

Um fôro original

Antigamente a Câmara de Manteigas pagava à de Gouveia, o fôro de um copo de água, tirada à meia noite da véspera de S. João, do chafariz de S. Pedro.

Àquela hora ía o secretário da Câmara, acompanhado de tres homens ao chafariz, enchia o copo e entregava-o aos companheiros que o levavam à Câmara de Gouveia antes de nascer o sol, para esta passar o competente recibo.

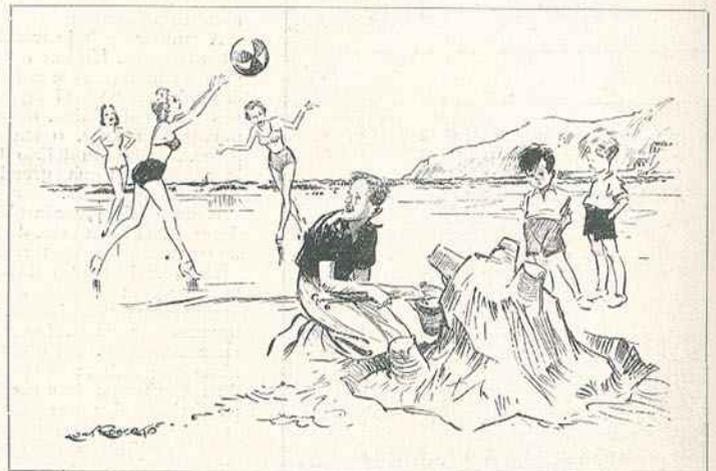
O cão e a telefonia

Conta uma senhora inglêsa, a propósito da inteligência e particularidades dos cães, que o seu cão, um *terrier* do país de Gales, de nove anos de idade, é grande amador de telefonia. Quando quer ouvir música, vem sentar-se aos pés da dona e põe-se a olhar para ela com ar suplicante.

Preguntando-lhe esta o que êle quer, dirige-se então para junto do aparelho de telefonia e torna a sentar-se, olhando primeiro para a dona e a seguir para o aparelho.

Ela faz-lhe a vontade pondo o instrumento a funcionar e êle, ao principiar a ouvir a música, deita-se e dispõe-se a prestar-lhe a maior atenção.

A aproximação de uma trovoadá exalta de maneira muito notável as faculdades luminosas dos pirilâmpos. O clarão agradável e suave que êles derramam, toma, nessas circunstâncias, uma intensidade surpreendente. Ainda não foi possível encontrar explicação satisfatória para este fenómeno.



Um dos pequenos (para o outro): — Que terá o tio hoje, que está tão distraído? Êle costuma fazer os castelos de areia, são bem feitos?

(Do «The Humorist».)

À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 374 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado **12\$00**

Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS

Para as escolas comerciais e industriais

Algebra Elementar, enc.	15\$00
Aritmética Prática, enc.	15\$00
Desenho Linear Geométrico, enc.	12\$00
Elementos de Química, enc.	15\$00
Elementos de Mecânica, enc.	12\$00
Elementos de História da Arte, enc.	25\$00
Física Elementar, enc.	15\$00
Geometria Plana e no Espaço, enc.	15\$00
O Livro de Português, enc.	12\$00
Elementos de projecções, enc.	18\$00
Escrituração comercial e industrial, enc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

de **CANDIDO DE FIGUEIREDO**

é um bom dicionário escolar. — Na sua categoria é o mais completo

TEM AS DUAS ORTOGRAFIAS

Um vol. de 1.468 págs. encad. **Esc. 25\$00**

Pelo correio, à cobrança, **Esc. 29\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
—(1.ª edição), 1 vol. br.	12\$00
ALTA RODA—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVIII—(3.ª	
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	9\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X.—(5.ª edição)—O que eu lhe	10\$00
disse das mulheres—O que lhe disse da arte—O que	
eu lhe disse da guerra—O que lhe disse do passado,	
1 vol. Enc. 14\$00; br.	12\$00
ARTE DE AMAR—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	
AS INIMIGAS DO HOMEM—(5.º milhar), 1 vol. Enc.	10\$00
17\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	8\$00
COMO ELAS AMAM—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	1\$50
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO	8\$00
DA ACADEMIA, 1 vol. br.	8\$00
ELES E ELAS—(4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	9\$00
ESPADAS E ROSAS—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	6\$00
ETERNO FEMININO—(1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	8\$00
br.	8\$00
EVA—(1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$50
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE—(3.ª edição), 1 vol.	2\$00
Enc. 13\$00; br.	1\$50
GALOS (OS) DE APOLO—(2.ª edição), 1 vol. Enc.	12\$00
13\$00; br.	8\$00
MULHERES—(6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR—(Confe-	
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	
br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO—(Confe-	
rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA—(Conferência),	
1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO—(2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA—(3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A)—(2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS—(27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA—(5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA—(3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA—(6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023—(3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR—(5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS—(3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO—(5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR—(2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE—(3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO—(10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A)—(5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA—(4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS—(4.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO—(3.ª edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos,** segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livreria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

P.O.R.

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

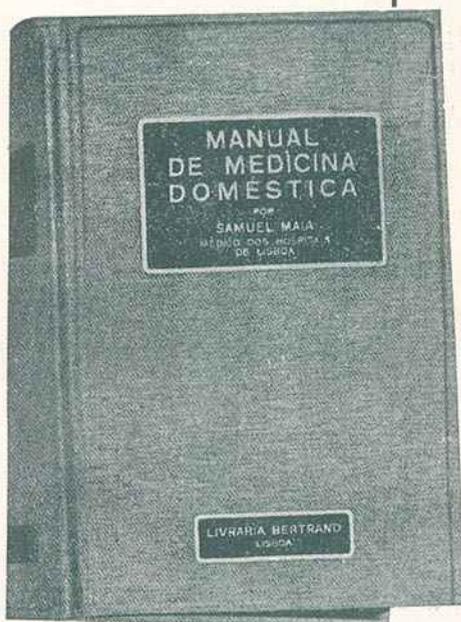
E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA